



Aprofundando nossa Compreensão dos Princípios Gerais

SUPLEMENTO PROGRESSIO n. 38 e 39

O presente Suplemento de Progressio é o fruto de muitos anos de experiência e reflexão. Quase se pode dizer que o autor é a “Comunidade Vida Cristã”, presente nos cinco continentes, com uma história de quatro séculos, formada por adultos e jovens, homens e mulheres, de distintas condições sociais.

Colaboraram neste Suplemento:

Maria Clara Luccheti Bingemer (Brasil), Horacio Carrau sj (Uruguai), Jesús Díaz Baizán sj (Espanha), José Antonio Suffo (Espanha), João Mac Dowell sj (Roma), Roswhita Cooper (Roma), Stijn van den Bossche (Flandres), John English sj (Canadá), Crystal Kotow-Sullivan (Canadá), Juan Ochagavía sj (Chile), José Reyes (Chile), Mary Nolan (Australia), Patrick O'Sullivan sj (Australia), Sean O'Cearbhallain sj (Hong Kong), Eadaoin Hui (Hong Kong), Lydia D'Souza (Índia), Alwyn Fernandes sj (Índia), NN (Índia). Muitos deles levaram em consideração contribuições recebidas de outros membros CVX de suas comunidades nacionais.

A edição final foi preparada por José Reyes (Chile).

Traduzido do original espanhol por:

Henrique Muller sj e Odilon Gonçalves de Castro

Revisto por Lúcia Coelho em setembro de 2018

Sumário

Aprofundando nossa compreensão dos Princípios Gerais	3
1 - O DOM DE DEUS E O DOM DE SI.....	4
2 - O ESPÍRITO É NOSSO GUIA	10
3. UMA GRAÇA NA HISTÓRIA.....	18
4. FINALIDADE DA COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ.....	25
5. FONTES DA NOSSA ESPIRITUALIDADE	31
6. SENTIDO DE IGREJA	38
7. VÍNCULOS COMUNITÁRIOS.....	43
8 - VIDA APOSTÓLICA	55
9 – MARIA, MODELO DE NOSSA MISSÃO.....	63
Referências Gerais	71

Aprofundando nossa compreensão dos Princípios Gerais

O presente Suplemento de Progressio é o fruto de muitos anos de experiência e reflexão. Quase que se pode dizer que o autor é a “Comunidade Vida Cristã”, presente nos cinco continentes, com uma história de quatro séculos, formada por adultos e jovens, homens e mulheres, de distintas condições sociais.

Há dois anos, a Assembleia Geral da CVX aprovou modificações importantes aos Princípios Gerais, e adotou por grande consenso um novo texto fundamental. Este texto foi logo ratificado pela autoridade da Igreja. Em certo sentido tratava-se de um ponto de chegada: uma síntese de bom trecho do caminho percorrido. Agrada-nos vê-lo também como um ponto intermediário, em muitos sentidos de partida, pois o texto dos Princípios Gerais de 1990 é um texto nascido da experiência e que pretende voltar a ela, em um processo permanente de crescimento e reflexão. Nesta linha foram escritas estas páginas. Um grupo limitado de pessoas as escreveu, e um editor deu forma ao Suplemento. Porém a fonte continua sendo a experiência da Comunidade dispersa pelo mundo. O conteúdo continua sendo a vida de uma comunidade inaciana (quer dizer, apostólica), de fiéis na Igreja.

A CVX é uma Comunidade com espírito de discernimento. Virá uma nova Assembleia Geral, tempo forte de deliberação, e estas páginas se situam entre dois tempos fortes, convidando à interiorização, à oração, à busca da vontade de Deus.

Sua leitura pode ser individual ou em grupos, porém sempre há de se fazer com o texto dos Princípios Gerais à mão. O comentário se refere aos primeiros nove números dos Princípios Gerais, que definem “nosso carisma” e dos quais surgem todos os outros, e também as Normas Gerais.

Que Deus siga acompanhando nosso caminhar!

1 - O DOM DE DEUS E O DOM DE SI

O amor e a salvação que Deus nos oferece é o ponto de partida dos Princípios Gerais. O PG 1 nos lembra que a CVX nasceu em torno do mistério da Anunciação-Encarnação, iniciativa amorosa da Trindade que em Maria encontra acolhida. A partir da Encarnação, desencadeia-se uma dinâmica de seguimento de Jesus e de identificação com suas opções, que está na base da vocação CVX.

UM DEUS CONTEMPLATIVO E COMPASSIVO

O quadro solene e tridimensional da contemplação da Encarnação é, no livrinho dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio (EE 101-110), a abertura daquilo que vai constituir o coração da experiência do exercitante na etapa central do processo desses exercícios. É também o que dá início ao texto dos Princípios Gerais da Comunidade de Vida Cristã, que considera os Exercícios Espirituais de Santo Inácio como “a fonte específica e o instrumento característico” de sua espiritualidade (PG 5).

No centro de ambos está o mistério do dom de Deus, de Deus mesmo que “contempla toda a humanidade tão dividida” (PG 1). O Deus apresentado por Inácio nessa contemplação é, portanto, um Deus contemplativo e compassivo. Um Deus que, a partir do que vê, contemplando a humanidade perdida e pecadora, elege e decide-se novamente por uma doação total de si mesmo, numa práxis salvadora e libertadora em favor desta humanidade dividida e perdida.

O Amor de Deus é incondicional e eterno. Este olhar compassivo, e a decisão que o segue, é expressão desse amor que é “fiel para sempre”... e desde sempre.

A HUMANIDADE DIVIDIDA

O que Deus contempla é a humanidade “dividida pelo pecado”. Hoje podemos expressar esta “divisão” da humanidade na ruptura de três relações básicas: a relação de filiação com respeito a Deus, porque nos fizemos filhos de outros deuses (filhos do poder, filhos do dinheiro, filhos do prazer); a relação de fraternidade com respeito ao irmão, porque preferimos a autossuficiência e a exploração do outro; a relação de senhorio com respeito á natureza, porque preferimos apropriar-nos dos dons (ficando apegados a eles) ao invés de sermos administradores.

O olhar santificador e reconciliador de Deus nos abre a possibilidade de refazer estas três relações rompidas. Esta decisão, essa eleição de Deus, então, implicará a identificação com esta humanidade em tudo, mesmo nas situações mais dolorosas e negativas, para assim, a partir de dentro, assumir a condição humana e redimi-la.

Assim fazendo, Deus dá a essa humanidade a possibilidade real de contemplá-lo e, deste modo, “participar por Ele, com Ele e n’Ele, na iniciativa amorosa que expressa a promessa de Deus de ser-nos fiel para sempre”.

O EMPOBRECIMENTO DE DEUS

Assumindo os limites estreitos da condição humana, o Deus infinito se encarna, colocando-se Ele mesmo no centro da história, saindo e afastando-se, desapegando-se de sua riqueza para “inserir-se entre os pobres”, assumindo a carne e nascendo de Maria, “a virgem pobre de Nazaré”. Deus aceita e assume os limites do humano, princípio básico da dinâmica da Encarnação: nada do humano é alheio a Deus em Jesus.

Podemos afirmar que na Encarnação Deus “leva a sério” a realidade concreta e cotidiana no humano, com seus dramas e exigências. No “Deus que contempla” vemos um Deus que se deixa afetar pela história dos homens. O Deus universal, nesse momento da história da humanidade, dirige seu amor e se entrega inteiro, esvaziando-se de si mesmo em um pequeno e particular ponto perdido da história, onde ocorre a Encarnação do Verbo em Jesus de Nazaré. “Ele, que tinha condição divina... não se apegou em ser igual a Deus... mas se esvaziou a si mesmo... e foi reconhecido em figura de homem... obediente até a morte” (cf. Fl 2, 5-11) .

À amplitude infinita do universo e de toda a humanidade, à infinitude divina do trono glorioso da Trindade Eterna que Santo Inácio abre diante do olhar deslumbrado do exercitante (EE 101-104), sucede, como história do tema para contemplar e como composição de lugar, a casa, a habitação e o corpo de Maria (Nossa Senhora) na pequena e desprezada cidade de Nazaré da Galileia. E essas pequenas, particulares, humildes e tão humanas circunstâncias serão as circunstâncias da Encarnação, ponto de concentração da totalidade indivisível da experiência cristã.

Entre os homens e mulheres com quem o Verbo encarnado nos chama a encontrar, os pobres ocupam um lugar privilegiado. É entre eles que o Verbo se insere em sua Encarnação, “partilhando com eles sua condição” (PG 1). É, portanto, a partir deles, que o dom de Deus se manifesta com mais brilho e mais força, que “Jesus nos convida a todos a entregar-nos continuamente a Deus e a trabalhar pela união de toda a família humana”.

É a partir da fraqueza e opressão que sofrem os pobres, onde a vida está mais ameaçada, oprimida ou esmagada, que Deus, Senhor da vida, pode fazer brilhar e reluzir mais seu poder e sua glória. É na vida diminuída e agredida dos pobres da terra que Deus se mostra em toda sua dimensão como o que é: Criador e fonte de vida, capaz de fazer florescer o deserto (cf. Is 65,

1ss), levantar os ossos secos transformando-os em exército militante (cf. Ez 37), fazer férteis à virgem e à estéril (cf. Lc 1, 36-48).

E faz isso não se impondo a partir de cima, passando por cima da temporalidade e da condição humana, mas assumindo-a a partir de dentro, fazendo-se todo dom de amor, vazio de glória e majestade, na pobreza, obediência e humildade, em seu Filho Jesus Cristo, o servo de Iahweh, “obediente até a morte de cruz” (cf. Fl 2, 5-11), em quem a comunidade primitiva e as primeiras testemunhas reconheceram o Senhor, o Cristo de Deus (cf. At 2, 22-36).

NOSSA ENTREGA A DEUS

A dialética entre o universal de Deus e o particular da condição humana vai marcar não só o momento da encarnação do Verbo em Maria, mas todo o processo encarnatório vivido por Jesus. A encarnação, ainda que seja um mistério de dimensões universais, só pode ser vista, contemplada e vivida no particular, ou seja, na medida em que se vai concretizando na história.

Assim nós, “membros da Comunidade de Vida Cristã”, que “compusemos estes Princípios Gerais”, somos chamados a abrir-nos a esse dom de Deus que se nos oferece em Jesus Cristo, e que nos capacita para o dom de nós mesmos. E viveremos esta dinâmica na particularidade e pobreza de nossas vidas, “em cada situação da vida cotidiana”, “abertos às necessidades de nossos tempos” (PG 2), em “uma comunidade particular livremente escolhida”(PG 7).

O dom de si é a vocação do membro CVX. CVX é um caminho que nos torna capazes de responder à entrega de Deus a nós com uma entrega também total, ardente e radical, ainda que limitada. Esse ardor e radicalidade se expressam quando “fazemos nossas as opções de Jesus Cristo” (PG 1), quando

assumimos em nossas vidas sua pobreza e sua humanidade (PG 8d), quando centralizamos nossa vida em seu mistério pascal (PG 5), quando participamos frequentemente da Eucaristia e nos alimentamos de seu Corpo e seu Sangue (PG 12,a).

Tudo isto implicará para cada um de nós vivermos intensamente nossa vocação em um mundo marcado pela injustiça e a pobreza. Viver de tal maneira que contemplar os “mistérios da vida de Cristo”- como nos propõe Santo Inácio em seus Exercícios - nos levará a compartilhar e a compadecer as condições de vida dos pobres, onde Jesus Cristo continua se encarnando, vivendo sua paixão e ressuscitando, em uma Páscoa sempre possível graças ao amor de Deus Pai na força do Espírito Santo.

SOB A MOÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

É esse mesmo Espírito o que continua realizando hoje a entrega de Deus a nós e possibilitando nossa entrega a Ele, “em todas as nossas diversas circunstâncias particulares” (PG 1).

Esse mesmo Espírito, que repousou em plenitude sobre Maria na anunciação e que fez com que Jesus proclamasse sua missão na sinagoga de Nazaré, é quem nos possibilitará “ser testemunhas entre os homens por meio de nossas atitudes, palavras e ações”, fazendo nossa a missão do mesmo Jesus, de “dar a boa notícia aos pobres, anunciar aos cativos sua liberdade, dar a vista aos cegos, libertar os oprimidos e proclamar o ano de graça do Senhor” (PG 8).

Jesus Cristo, Verbo Encarnado, é a possibilidade real, para sempre entregue aos homens, de refazer a história. Ele reintroduz na história uma nova lógica, capaz de reconduzi-la a Deus a partir de Deus mesmo. A vida humana - nossa vida - a partir da Encarnação do Verbo, é uma vida crística: vida de discernimento no Espírito, de seguimento do Filho, fazendo a vontade do Pai.

CONTEMPLATIVOS NA AÇÃO

Ver a história “contemplativamente” significa, a partir da Encarnação, vê-la com os olhos do pobre explorado. A Encarnação nos exige e nos impulsiona a uma mudança de ótica, uma mudança do “a partir de onde” ver e compreender a história. A força de Deus só pode ser vista com os olhos da fraqueza, com os olhos do que espera ser libertado e reconhecido em sua dignidade original.

A experiência do Amor que realiza a salvação do homem e da história, que recria a história a partir de Deus mesmo, converte-se em experiência possível para nós. Deus no-la oferece gratuitamente ao convidar-nos a participar “por Ele, com Ele e nele” em sua experiência de Encarnação, vida, morte e ressurreição em Jesus Cristo. É uma experiência de amor e serviço.

2 - O ESPÍRITO É NOSSO GUIA

O PG 2 é um texto fundamental, que dá a primazia ao Espírito e reconhece ao mesmo tempo a necessidade de mediações estruturais, mostrando que não há oposição entre estas dimensões.

Nesta linha, podemos dizer que o PG 2 é uma chave de leitura de todos os Princípios Gerais, pois indica a atitude e o tom com que estes devem ser lidos. Por isso, a não interiorização deste Princípio pode conduzir a uma leitura rigorista dos Princípios Gerais e das Normas Gerais, e a uma interpretação incorreta do processo CVX delineado nas Normas Gerais. O PG 2 contém também uma rica síntese da vocação CVX, e introduz a partir do início temas tão importantes como a disponibilidade, o discernimento e a liberdade, apresentando o estilo CVX como abertura ativa ao Espírito do Senhor.

O PG 2 É UM TEXTO FUNDAMENTAL...

A PRIMAZIA DO ESPÍRITO

É um texto fundamental porque nos dá a chave de interpretação de todos os Princípios Gerais: não devem ser entendidos literalmente, mas espiritualmente, ou seja, sob a inspiração do Espírito Santo, com atitude permanente de discernimento.

Comparado com o texto dos Princípios Gerais de 1971, se percebe uma mudança fundamental, que continuará presente durante todo o texto, dando-lhe uma marca importante. Onde em 1971 se dizia “nosso movimento”, agora se diz “nossa comunidade”, recolhendo assim todo o caminho percorrido antes e depois de Providence 82 e aprovado quase unanimemente no dia Assembleia Mundial: CVX é uma Comunidade Mundial (veja-se, mais adiante, o comentário ao PG 7).

A frase final, “pelo progresso e a paz, a justiça e a caridade, a liberdade e a dignidade de todos” não aparecia no Texto Revisado proposto pelo Comitê Executivo. Por sugestão da Bolívia, o Texto Alternativo, que foi o que se aprovou

neste caso, incorpora de novo esta frase que já estava nos Princípios Gerais de 1971. A Assembleia Mundial de Guadalajara votou a favor da redação alternativa quase unanimemente, manifestando assim o sentir da Comunidade convocada sob o tema da missão CVX.

Santo Inácio, no Proêmio das Constituições da Companhia de Jesus escreve: “de nossa parte, mais que nenhuma exterior constituição, a interior lei da caridade e amor que o Espírito Santo escreve e imprime nos corações há de ajudar para isso” (ou seja, para o fim do serviço de Deus Nosso Senhor). Com isso dava a razão e o sentido das Constituições escritas e estabelecia o equilíbrio entre a lei externa e a lei interior, dando prioridade a esta. A intenção de nosso PG 2 é a mesma.

MEDIAÇÕES NECESSÁRIAS

Talvez hoje nos ronde um perigo, sobretudo aos mais jovens de nós: considerar os Princípios Gerais (e as Normas Gerais) escritos como um “amontoado” imposto à vida, como “burocratização” da vida, ignorando que a realização dos grandes ideais requer também grandes mediações institucionais. Um sinal de nosso tempo é a alergia ao institucional.

À luz deste texto, se compreende o sentido das mediações necessárias para viver nosso ideal de vida: vivê-las em relação com o Espírito, dinamizadas por Ele a partir de dentro. Só assim se poderá entender o significado profundo dos Princípios Gerais.

O TOM DA LEITURA: UM LIVRO PARA REZAR

O texto dos Princípios Gerais mais que um texto legal ou jurídico é um texto espiritual. Mais que um texto a estudar e analisar, é um texto a interiorizar, um livro de oração pessoal e comunitária. Uma das experiências mais

gratificantes e profundas da Assembleia Mundial do México foi, para muitos, a dos “Grupos de Leitura Comunitária”, nos quais 10 a 12 pessoas, de diversos países, líamos comunitariamente os principais números dos Princípios Gerais, compartilhando, depois da oração pessoal, o que ressoava em nosso interior, daqueles textos, daquela letra. Através da escuta e da partilha do que cada um sentia interiormente, experimentávamos a convergência e a união às quais o mesmo Espírito nos conduzia.

SÍNTESE DA VOCAÇÃO CVX

“Procedei guiados pelo Espírito” (Gál 5,16)

A CVX é uma fraternidade evangélica. O que une a comunidade não é um código legal, mas o espírito evangélico, que cria um estilo de vida - vivências experimentadas e partilhadas juntas e dispersas, convicções centrais, uma hierarquia evangélica de valores, um modo de proceder, prioridades - que não pode estar escrito, mas que se leva dentro e tão sem discussão, que constitui a própria vocação e identidade, a “unidade no amor e na ação” (PG 7).

Ao ser um estilo de vida cristã, só pode estar centrado no que é o centro da vida cristã: o Amor. E o Amor é o Espírito de Jesus que vive em cada um de nós e que nos inspira a partir de dentro o caminho a percorrer no seguimento de Jesus. Somos “cristãos... que desejam seguir mais de perto a Jesus Cristo e trabalhar com Ele...” (PG 4).

Os Princípios Gerais são uma ajuda - uma mediação necessária - para seguir este caminho. Mas sem a lei interior do amor, seriam letra morta.

A opção cristã só pode ser um caminho de liberdade: a liberdade dos filhos de Deus. “Para que sejamos livres, Cristo nos libertou” (Gál 5,1).

Esta lei interior do amor é um princípio interno do homem, que o impulsiona a fazer o bem por amor. Assim o homem é livre, dono de si mesmo e

a serviço dos outros: “que o amor os ponha ao serviço dos outros” (Gál 5,13). Desta maneira, se recolhe o princípio de interioridade que nasce com a pregação dos Profetas no Antigo Testamento (cf. Jr 31,31-34), e que Jesus leva à plenitude.

Não podemos ignorar, contudo, as tensões. O homem é um empedernido fabricante de ídolos. Todos temos esta tendência. A norma externa e escrita é um dos objetos que com frequência convertimos em ídolo. Nossa Comunidade, em todas as partes e em todos seus níveis, com frequência poderá padecer a virulência desta tensão. Mas o que Deus nos pede é amor e não formalismos jurídicos nem observâncias externas.

Por isso, a interiorização e personalização destes Princípios Gerais poderão ajudar para a purificação e o equilíbrio, buscando, sobretudo, o Espírito de amor e liberdade, que habita no interior, fala no coração, e se expressa na vida, na comunicação de cada um de nós mesmos e no profundo de cada letra dos Princípios Gerais.

A atitude de escuta, característica de nosso modo de proceder nas reuniões de grupo, encontros, cursos e assembleias e na vida, encontra aqui seu sentido e sua necessidade.

ESPÍRITO DE LIBERDADE NO ORDINÁRIO DA VIDA

A “lei interior do amor... que o Espírito Santo inscreve em nossos corações” é a fonte e princípio de nossa criatividade e fecundidade em frutos de vida cristã e apostólica, porque “se expressa sempre de um modo novo em cada situação da vida cotidiana”. Se nos deixamos mover pelo Espírito, experimentaremos de que maneira o mesmo Espírito respeita “a singularidade de cada vocação pessoal” - de todo tipo de homens e mulheres (PG 4) - e faz que sejamos “abertos, livres e disponíveis para Deus”.

O comum da vida se converte assim em lugar privilegiado de experiência do Espírito. Nossa vocação CVX tem como característica peculiar o chamado a ser vivido e realizado no cotidiano e concreto, porque somos chamados a buscar e encontrar Deus em tudo, também e, sobretudo no cotidiano, no ordinário, no concreto, que é o que mais nos ocupa, não só no excepcional, extraordinário e vistoso.

A espiritualidade CVX, por ser inaciana, é uma espiritualidade do concreto. Deus pode se manifestar em tudo. Devemos *buscar e encontrar Deus em todas as coisas*. Esta pedagogia nos leva a *amar a Deus em todas as coisas e a todas elas em Deus*. “Tratamos assim de dar sentido apostólico, mesmo às mais humildes ocupações da vida diária” (PG 8c).

DISPONIBILIDADE: CHAVE DE NOSSO CARISMA

A lei interior do Espírito de Amor nos faz “abertos, livres e sempre disponíveis para Deus”. São os frutos da ação do Espírito.

É o fruto do Princípio e Fundamento dos Exercícios inacianos: a indiferença ou liberdade interior, que não só é liberdade de tudo o que não é Deus, mas também para tudo o que Deus quer.

Este equilíbrio afetivo, que é a indiferença inaciana e que nos faz realmente disponíveis para a vontade de Deus, é fruto da adesão afetiva a Jesus Cristo, de que Ele seja realmente Senhor de nossas vidas. “Porque o Senhor é o Espírito, e onde há Espírito do Senhor, há liberdade” diz São Paulo (2 Cor 3,17-18).

A tarefa de todo membro CVX, encontre-se na etapa do processo na qual se encontre, é este crescimento na disponibilidade, que é fruto da graça do Espírito, mas que implica o que cada um “deseja e quer” real e profundamente. A meta ou fim de nossa vocação e missão - “Seguir mais de perto a Jesus Cristo

e trabalhar com Ele... ser cristãos comprometidos” (PG 4); “ser um trabalhador mais competente e uma testemunha mais convincente” (PG 12) - pede este “fazer-nos disponíveis”. Sem “ser disponíveis” não poderemos eleger com radicalidade o que nossa vocação nos propõe: “trabalhar pela justiça, com uma opção preferencial pelos pobres e um estilo de vida simples” (PG 4). Todos os Princípios Gerais requerem de nós esta abertura, liberdade e disponibilidade para Deus. Sem ele não se poderá entender nem viver o que neles se propõe como caminho e estilo de vida cristã.

COM UM PROJETO: RESPONDER COM CRISTO AS NECESSIDADES DE NOSSO TEMPO

É o mesmo Espírito o que “nos estimula a reconhecer nossas graves responsabilidades e nos ajuda a buscar constantemente a resposta às necessidades de nossos tempos”.

Quando Jesus proclama sua missão, o ouvimos dizer: “o Espírito do Senhor está sobre mim porque ele me ungiu para que dê a boa notícia aos pobres. Enviou-me para anunciar a liberdade aos cativos e a vista aos cegos, para colocar em liberdade os oprimidos, para proclamar o ano de graça do Senhor” (Lc 4,18-19). Assim Jesus dá resposta às necessidades de seu tempo e às necessidades de sempre. Nós somos chamados como Ele e com Ele a dar nossa resposta. Fomos ungidos e consagrados pelo Espírito para dar “a boa notícia aos pobres”. Como Jesus mesmo, a cada dia, temos que dizer: “Hoje se cumpriu esta palavra”. “Nossa vida é essencialmente apostólica” (PG 8), temos de trabalhar “com os homens de boa vontade pelo progresso e a paz, a justiça e a caridade, a liberdade e a dignidade de todos” (PG 2), “lutando para mudar as estruturas opressoras” (PG 8).

Recolhendo o espírito das contemplanções dos Exercícios do “Rei Eterno”, nas quais escutamos o chamado do Senhor a “trabalhar comigo, para que me seguindo no sofrimento também me siga na glória” e pedimos para “não

sermos surdos ao seu chamado, mas prontos e diligentes para cumprir sua vontade” (EE 95.91) e “Para alcançar Amor” na qual pedimos que “reconhecendo inteiramente” tanto bem recebido, “possa em tudo amar e servir” (EE 233), reconhecemos que o estímulo e a ajuda para viver tudo em nossa vida como missão, anunciando com obras e palavras a Jesus, nos vem do Espírito.

COM DISCERNIMENTO

O mesmo Espírito nos leva a um discernimento permanente: “buscar constantemente a resposta às necessidades de nossos tempos”. “Discernimento pessoal e comunitário” (PG 8c) para a missão. É o instrumento que nos oferece nossa espiritualidade.

Mobilidade na missão: não podemos converter em ídolo o que estamos fazendo pelos outros. Temos de revisá-lo a partir da análise e discernimento das necessidades de nosso tempo. Temos de estar abertos à mudança que o Espírito está inspirando sempre em nós.

Um dos perigos que podem matar a vida e a criatividade de nossos grupos CVX, sobretudo de adultos, é a instalação na rotina: nas rotinas da vida; na rotina da reunião do grupo, de seu ritmo e frequência; na rotina de nossas experiências passadas; na rotina do que fazemos sempre. A rotina bloqueia o Espírito de discernimento, apaga a vida do Espírito.

NO CORAÇÃO DE UMA IGREJA QUE É COMUNHÃO

Fruto do Espírito é também a união: “trabalhar em união com todo o povo de Deus e com os homens de boa vontade” (PG 2).

Nossa vocação é comunitária, eclesial. Somos companheiros com Jesus em missão. Nosso carisma e espiritualidade são da Igreja e para a Igreja. Temos de saber partilhá-la nela abrindo-nos a colaborar com outros.

Este trabalhar “em união” é o que faz com que a CVX não seja nem possa ser uma seita ou um grupo fechado na Igreja. Um dos riscos mais frequentes é converter nossos grupos em ambientes gostosos de acolhida, nos quais a gente se sente bem porque produz sensação de segurança, e assim se instala neles. Isto leva às vezes a engrandecer o grupo ao qual pertencemos. O Espírito age contra a instalação. Não somos para nós mesmos, somos para a missão, para trabalhar em união com outros e para abrir-nos a que outros trabalhem em colaboração conosco em nossas iniciativas e instituições, para a construção do Reino.

3. UMA GRAÇA NA HISTÓRIA

O PG 3 nos ajuda a ver a persistência da ação do Espírito. Convida-nos a reconhecer nossas origens inacianas e a valorizar os muitos dons recebidos através dos séculos. Propõe-nos uma atitude ante nossa história e ante o momento presente: gratidão, humildade, fidelidade à graça, comunhão que ultrapassa os limites do espaço e do tempo, capacidade de renovação na Igreja. O texto tem também um valor jurídico ao evocar a aprovação pontifícia e situar a CVX no tecido visível da Igreja. Tem também um valor prático-pedagógico para que aqueles grupos que não participaram do caminho de renovação possam definir sua vocação e seu serviço à Igreja, dentro da Comunidade Mundial CVX como expressões desta, ou fora dela, como associações diocesanas ou nacionais.

AS ORIGENS INACIANAS

O número 3 dos novos Princípios Gerais da Comunidade de Vida Cristã (CVX) insere esta em uma longa história, sublinhando sua continuidade com as Congregações Marianas, promovidas pela Companhia de Jesus e aprovadas pelos papas desde o século XVI. Não é possível compreender a atual CVX sem conhecer as linhas básicas dessa história, em particular, sua origem na figura carismática de Santo Inácio de Loyola e seus Exercícios Espirituais.

Os Princípios Gerais, aprovados inicialmente em 1968, correspondem a uma intenção de renovação da rica tradição das Congregações Marianas. Tratava-se, por um lado de retornar à sua inspiração original, perdida através do tempo, especialmente em virtude de sua desvinculação da Companhia de Jesus, a partir da supressão desta em 1773. Por outro lado, buscava-se adaptá-las aos tempos, sobretudo ao espírito do Concílio Vaticano II e ao “aggiornamento” que ele suscitou, ainda que a ideia da renovação tenha amadurecido ainda antes do Concílio.

As Congregações Marianas são fruto dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Seus primeiros companheiros, ao fim de suas missões em distintas

idades da Itália, formavam grupos de leigos, que se ajudavam mutuamente no seguimento de Jesus e na praticadas atitudes de oração e serviço despertadas por aquela experiência espiritual. O Pe. Tim Quinlan sj, em “Progressio” de maio de 1988, expunha a experiência de Pedro Fabro em Parma, e sugeria que nessa experiência e outras análogas se encontrava o que se podia chamar a “pré-história” das Congregações Marianas, hoje CVX. Na mesma perspectiva se delineava o discurso do Assistente Mundial, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, à Assembleia Mundial CVX reunida em Guadalajara, particularmente naqueles parágrafos relativos às primeiras “companhias” de leigos inacianos. Não há dúvida também que nesta tradição se inclui, do mesmo modo, o jesuíta belga Jean Leunis, considerado o fundador das Congregações Marianas, quando reuniu um grupo de alunos do Colégio Romano a fim de prepará-los para o trabalho apostólico na cidade de Roma. Os traços que marcaram o perfil de seu grupo o põem em continuidade com essas primeiras companhias: a íntima união entre fé e vida, a ênfase na dimensão comunitária e apostólica, a inspiração mariana proveniente da contemplação da Encarnação.

Em geral na Igreja, a vida precede às estruturas, e a aprovação eclesial é confirmação de uma ação do Espírito que já está produzindo frutos. Assim, cerca de vinte anos depois, por sua qualidade excepcional e sua localização no Colégio Romano, modelo das escolas jesuítas que se criavam por todas as partes, a comunidade fundada por Leunis se havia convertido em exemplo e norma para os grupos dos novos colégios. Esta situação privilegiada foi reconhecida pelo Papa Gregório XIII em 1584, quem outorgou à Congregação Mariana do Colégio Romano a condição de “grupo primário”, que os demais deviam reproduzir e ao qual deviam filiar-se.

Esta rica evocação das origens inacianas e da evolução posterior está sinteticamente expressa no PG 3, e confirmada pela autoridade da Igreja no decreto de aprovação. É interessante notar que o PG 3 é o único explicitamente citado e ratificado no decreto de aprovação pontifícia.

A PERSISTÊNCIA DA GRAÇA

Reafirmada a riqueza e a originalidade da pré-história e dos primeiros desenvolvimentos, o PG 3 nos convida a considerar os séculos posteriores com uma atitude aberta e agradecida ante nossa história.

De fato, depois da aprovação da “Prima Primaria”, as Congregações Marianas multiplicaram-se rapidamente como um organismo leigo a serviço da Igreja, animado por uma profunda espiritualidade e dinamismo apostólico. Esta expansão se baseou, em particular, na vitalidade juvenil da mesma Companhia de Jesus, cuja proposta respondia perfeitamente à problemática do tempo. O colégio jesuíta daquela época, como instituição oficial de ensino público e gratuito, constituía de certo modo o coração da cidade. Era um centro de irradiação pastoral e de cultura humana. E nele, a Congregação Mariana e os Exercícios Espirituais representavam o instrumento básico de aprofundamento da fé e serviço apostólico oferecido pelos jesuítas a quantos desejavam crescer sempre mais no compromisso cristão.

Havia Congregações Marianas não só de estudantes, mas também de diferentes grupos sociais e profissionais. A importância de sua contribuição à Igreja de então se reflete nas palavras entusiastas do papa Benedito XIV na bula áurea “Gloriosae Dominae” (1748): “É incrível o imenso proveito que estas Congregações Marianas, dotadas de santas e saudáveis regras, em harmonia com a diferente condição social dos congregados, produziram em pessoas de todas as classes da sociedade”.

Porém, na segunda metade do século XVIII a supressão da Companhia de Jesus pelo papa Clemente XIV veio a alterar decisivamente o curso da história das Congregações Marianas. Até então todas elas eram assessoradas por jesuítas. Com o desaparecimento da ordem, o papa confiou sua supervisão

diretamente aos bispos locais permitindo que criassem novos grupos, e esta decisão provocou um grande crescimento. Durante os dois primeiros séculos, até a supressão dos jesuítas, existiram 2.500 grupos. No período seguinte, até a introdução dos Princípios Gerais, mais 80.000 grupos haviam sido filiados.

Contudo, esta evolução afastou progressivamente as Congregações Marianas de seu espírito original, não somente pela massificação e falta de seleção e formação, resultantes de um número tão grande de associados, mas, sobretudo pelo abandono dos exercícios inicianos, que garantiam seu carisma específico. Elas se converteram em associações piedosas, dedicadas primariamente a fomentar a devoção à Virgem. Essa devoção mariana havia se transformado na maioria. Inicialmente Maria, contemplada na cena da anunciação, era vista como inspiradora da vida de fé dos congregantes por seu oferecimento ao serviço do Senhor e de sua missão na terra. Agora aparecia, sobretudo, na figura de protetora contra os perigos do mundo.

Com a restauração da Companhia de Jesus em 1814, os jesuítas voltaram a promover as Congregações Marianas. Porém o organismo em seu conjunto havia escapado ao seu controle. Na metade de nosso século, somente 5% das Congregações Marianas eram dirigidas por eles, ainda que a Santa Sé tenha lhes restituído a tarefa de inspirar o organismo e supervisionar sua autenticidade. Nem todos se davam conta da mudança de identidade ocorrida nas Congregações Marianas. Porém, pouco a pouco, a consciência da necessidade da volta ao espírito iniciano original se difundiu entre os dirigentes. A constituição apostólica “Bis Saeculari”, de Pio XII, em 1948, já o expressava.

Na época anterior ao Concílio Vaticano II, muitas Congregações Marianas viviam momentos de crise. Muitas haviam começado a usar outros nomes. A pedido da hierarquia, em muitos lugares, passaram a ser Ação Católica. Outras começaram a decair e sua militância se reduziu significativamente. Faltava um sopro mais universal, para o qual era necessário

recobrar a universalidade do carisma original, sem prejuízo de um compromisso efetivo nas Igrejas e realidades locais.

Os Princípios Gerais de 1968 representaram a formulação em termos universais dessa proposta de renovação. Ratificados pela Santa Sé, eles constituíam o novo quadro dentro do qual deviam mover-se dali em diante as Congregações Marianas do mundo inteiro. Tratava-se de uma transformação profunda, simbolizada pelo abandono da denominação tradicional das Congregações Marianas, rebatizada como CVX. Erroneamente, muitos quiseram ver nisto uma ruptura e não uma renovação, sobretudo aqueles que ignoravam a primeira parte da nossa história.

Certamente que a renovação debilitou as Congregações Marianas que não estavam já debilitadas. Muitas aderiram logo ao novo marco, e a evolução posterior, na prática, foi muito diversa nas diversas regiões do mundo.

UMA ATITUDE ANTE NOSSA HISTÓRIA

O espírito do PG 3 é universal. Convida-nos a aprender com a nossa história, a crescer a partir dela como continuidade de uma graça secular, e a viver “em comunhão com todos os que nos precederam”. A comunhão será possível se nos situarmos ante nossa tradição espiritual “com amor e em oração”, na perspectiva da Igreja que nos propôs modelos seguros, “amigos e válidos intercessores no cumprimento de nossa missão”. Com confiança podemos considerar os exemplos de Santo Inácio, São Francisco Xavier ou o Beato Fabro; de São Colombière; ou mais recentemente, de Pier Giorgio Frassatti ou Victoire Rasoarimalala. É longa a lista de homens e mulheres canonizados pela Igreja através dos séculos com os quais estamos em comunhão.

Hoje nos encontramos aonde o Espírito do Senhor nos conduziu, o que não implica que não tenhamos cometido erros ou que não os continuemos

cometendo. O texto e o espírito do PG 3 valorizam positivamente o caminho feito e a capacidade de renovação na fidelidade a uma graça. Mais explícito neste sentido é o decreto de aprovação, que recorda a necessidade de “renovação da vida apostólica pessoal e comunitária no espírito”, logo depois de apreciar positivamente as origens e os desenvolvimentos posteriores.

É inútil sair desta dinâmica para buscar “a partir de fora”; de um passado idealizado ou um presente absolutizado, de falsas dicotomias e comparações espúrias, de uma situação local universalizada ou da dureza do universal; de perguntas injustas ou critérios de avaliação extemporâneos; ou da minimização das exigências de uma vocação. Ao contrário, o convite do PG 3 é a olhar a própria experiência “a partir de dentro” de um processo secular guiado pelo espírito, “a partir de dentro” da Igreja e suas sucessivas confirmações, “a partir de dentro” das dificuldades e enganos do caminho que percorremos.

O VALOR JURÍDICO

Certamente os aspectos jurídicos não são os mais importantes e não devem ser supervalorizados. Contudo, é importante não cair na armadilha de opor o espírito às estruturas. A Igreja, animada pelo espírito foi encontrando e formulando certas formas associativas para acolher a enorme riqueza de dons que o mesmo Espírito derrama sobre os batizados. As formas jurídicas não são perfeitas nem absolutas, porém permitem uma inserção transparente e funcional na comunhão e na missão da Igreja. Como foi dito no PG 3 e confirmado no decreto de aprovação, a Comunidade de Vida Cristã é uma “associação internacional pública de fiéis, de direito pontifício”. O decreto é claro no sentido que se trata de uma “confirmação”, e não de uma nova ereção canônica ou aprovação, reafirmando dessa maneira a continuidade com as próprias origens e com a aprovação inicial em 1584. O ser de “direito pontifício” é uma fórmula que indica o valor universal da CVX, e o fato que não há de se discernir em cada caso particular se se trata ou não de uma genuína expressão eclesial. De acordo

com este enfoque se redigiram as Normas Gerais 30 a 38 sobre o estabelecimento e o desenvolvimento de comunidades nacionais e suas subdivisões.

O VALOR PEDAGÓGICO E ORGANIZACIONAL

O PG 3, ao estabelecer a continuidade da tradição, valorizar positivamente a renovação e clarificar a fisionomia eclesial da CVX, tem importantes implicações no plano pedagógico e do desenvolvimento organizacional.

É claro que ninguém pode usar com propriedade o nome CVX ou Congregação Mariana, a menos que esteja participando da única associação internacional que segundo a autoridade da Igreja está nessa tradição. Contudo, estamos ante uma associação internacional que não pretende apagar a vida nem entorpecer nenhuma riqueza local. Desta associação internacional pode-se participar “pleno iure”, através da aceitação real dos Princípios Gerais e das orientações da comunidade mundial (cf. NG 33). Porém pode-se pensar também em graus diversos de vinculação, sem tirar valor pastoral a nenhum e criando uma rica rede de colaboração apostólica e de recursos para a formação. Poderia pensar-se, por exemplo, em associações aprovadas em uma ou mais dioceses, e, portanto, dependentes dos bispos que as aprovaram, que desejam uma vinculação com a comunidade CVX para beneficiar-se de alguns aspectos dessa tradição. Sua pertença deveria regular-se pela Norma Geral 12 e a leitura que dela se faça nos estatutos nacionais (cf. NG 35).

Enfim, o PG 3 é rico em conteúdo espiritual e eclesial; e por isso é rico também em possibilidades de projetar desenvolvimentos futuros para um melhor serviço.

4. FINALIDADE DA COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ

O PG 4 é uma das melhores apresentações breves de nossa identidade em seu conjunto.

Quando convidamos às pessoas a considerar pela primeira vez os Princípios Gerais, é recomendável começar por este, pois transmite a essência do que CVX significa para seus membros. Na mesma linha da lógica implícita em nosso nome “Comunidade de Vida Cristã”, o PG 4 se centra no seguimento de Cristo. Convida-nos em seguida a dar testemunho com nossas vidas, e finalmente sublinha o significado e a importância da comunidade. O trabalho pela justiça e a simplicidade no estilo de vida são propostos como marcas distintivas de nossa CVX.

CRISTÃOS: EM FUNÇÃO DO REINO

Somos cristãos, quer dizer, gente que segue Jesus Cristo e trabalha com Ele na construção do Reino. Este é o coração da CVX. “Jesus não foi um cristão”, é o provocativo título de um livro recente. É interessante refletir sobre este título, ainda que o livro não nos interesse em si mesmo. Jesus não foi um “cristão” no sentido que seu propósito não era o cristianismo, mas a plenitude da vida para todas as pessoas. O sonho de Jesus é o Reino de Deus, e nisto estão de acordo todos os exegetas. Porém, talvez nem sempre nos demos conta de como o Reino está relacionado com nossas experiências cotidianas, mesmo com as mais “profanas”. Em sua primeira aparição pública em Nazaré, Jesus lê o livro do Profeta Isaías: “O espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar aos pobres a boa nova, me enviou a proclamar a libertação aos cativos e a vista aos cegos, para dar a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor”. Depois de ler, Jesus declara: “Esta escritura, que acabais de ouvir, cumpriu-se hoje” (Lc 4, 16-21). Jesus foi um incansável “melhorador do mundo”, o que se depreende também com clareza de seu discurso programático, o Sermão da Montanha. Porém onde isto talvez seja mais claro é na descrição do juízo final. É alimentando o faminto, dando de beber ao sedento, vestindo ao que está nu, visitando aos enfermos e aos presos

(Mt 25, 31-46), e a forma como encontraremos a Deus. E todas estas ações são profanas!

O sonho de Jesus era o Reino de Deus. Nos Exercícios Espirituais, Inácio mostra as três pessoas divinas olhando a terra desde o alto e tomando a decisão que a segunda pessoa se faria homem “para salvar o gênero humano” (Cf EE 102: PG 1). De novo: o propósito ou finalidade da vida de Jesus é a salvação de todos os homens e mulheres, e nossa fé se entende à luz deste propósito. Este propósito deve ser também, desde o início, a finalidade da CVX. Uma espiritualidade que se interessa ou se centra somente em seu próprio desenvolvimento é falsa. Nossa pertença à CVX, nosso ser Igreja, nossa herança inaciana, tudo o que somos, é para o serviço do Reino de Deus.

Quando temos em mente o propósito ou sentido da vida de Jesus, podemos entender o que significa segui-lo mais de perto. Em Jesus, o Reino de Deus se manifesta. Ele não só faz o reino mais próximo a nós: Ele é o Reino de Deus presente entre nós. Não é mera coincidência que a expressão “Reino de Deus” desaparece nos atos dos apóstolos e nas cartas de São Paulo. Parece que isto é para dar lugar à espiritualidade do seguimento e imitação do Senhor. Para Paulo, a verdadeira vida é a vida em Cristo.

Até aqui, o texto do PG 4 trata simplesmente do “ser cristãos”. Sem dúvida, o propósito ou finalidade da CVX é simplesmente formar cristãos. Inácio nunca quis que seus companheiros fossem chamados “inacianos”, como ocorre com os beneditinos ou os franciscanos. Os discípulos de Inácio deviam ser chamados a partir de Jesus, porque eram “companheiros de Jesus”. Talvez por essa mesma razão a Assembleia Geral de Roma 1967 escolheu o nome “Comunidade de Vida Cristã”, referindo-o só a Cristo Nosso Senhor, sem outras referências, por exemplo, a Inácio.

E com tudo isso, CVX é uma vocação particular na Igreja. Ainda que se trate sempre do mesmo Evangelho, podemos aproximar-nos dele a partir de

distintas janelas. O carisma próprio da CVX provavelmente pode ser definido por dois elementos. De um lado, está a dinâmica dos Exercícios Espirituais (veja-se o PG 5: Fontes), que marca o estilo de nosso trabalho pelo Reino. De outro lado, há uma comunidade mundial concreta à qual pertencemos, normalmente através de nossa pertença a uma pequena célula na qual compartilhamos nossa fé e nossa vida CVX como estilo de vida. CVX como estilo de vida descansa sobre estes dois pilares.

Antes de entrar no segundo parágrafo do PG 4, consideremos todavia, alguns pequenos trechos do primeiro parágrafo que têm sua importância.

Não há restrições para ser membro de nossa comunidade. “Homens e mulheres, adultos e jovens, de todas as condições sociais”. Ainda que no nível mundial, por exemplo, em uma Assembleia Mundial, possamos encontrar esta diversidade, não podemos dizer sempre o mesmo a nível nacional. Às vezes esquecemos os jovens, ou não somos capazes de chegar a eles. Outras vezes não está bem balanceado o número de homens e mulheres. Frequentemente nossos membros refletem uma única condição social. O PG 4 é um desafio neste sentido.

Finalmente, é importante compreender que a expressão “mais de perto” se refere ao sentido inaciano do “magis”, e não contém uma implícita comparação, no sentido de pior ou melhor, com outras vocações no seio da Igreja.

VIDA: TUDO É POSSÍVEL... PORÉM, NEM TUDO

Como vivemos, concretamente, nosso ser cristão? Como tratamos de fazer presente o reino entre nós? Disto trata o segundo parágrafo do PG 4.

“Nosso propósito é chegar a sermos cristãos comprometidos, dando testemunho na Igreja e na sociedade dos valores humanos e evangélicos”. A

frase poderia simplesmente terminar aqui. A vocação CVX não pode ser restringida, pois compreende todas as áreas da vida. A especificação relativa à “dignidade da pessoa, o bem-estar da família e a integridade da criação” não pretende ser restritiva, pois estas áreas podem abarcá-la toda, mas deseja inspirar nosso serviço. De fato, CVX não tem um conteúdo específico que deva desenvolver, porém deveria tocar o conjunto de nossa vida. Nosso compromisso pode ser no mundo social, político, científico, cultural, eclesial... e em qualquer área a CVX nos dará um método e uma atitude.

Contudo, este enfoque não restritivo não significa neutralidade. “Com particular urgência sentimos a necessidade de trabalhar pela justiça, com uma opção preferencial pelos pobres”. Os Exercícios Espirituais e o estilo CVX nos ajudam a encontrar a vontade de Deus em nossas vidas, nos capacitam a fazer opções no espírito do Senhor ressuscitado e a permanecer abertos a qualquer possibilidade que se nos apresente. Porém, isto é sempre a perspectiva do Cristo pobre e humilhado que se entrega a si mesmo na cruz (Fl 2, 6-8). Este elemento chave nos protegerá contra o perigo de uma leitura “neutra” do Evangelho, que amiúde contém uma escondida ânsia de riquezas ou poder. Há uma estreitíssima relação entre uma fé autêntica e o trabalho pela justiça, e isto é o que nos recorda esta frase do PG 4.

Na meditação das Duas Bandeiras (EE 136-146), Inácio nos põe frente à opção pela riqueza ou pela pobreza. Adverte-nos que o mau espírito nos tentará primeiro com riquezas materiais para logo convidar-nos a seguir os dois degraus seguintes: as honras e o orgulho. Pelo contrário, o Senhor nos convida à suma pobreza espiritual e, se é seu desejo, inclusive à pobreza atual. As humilhações e a desonra se seguirão, e daí poderá surgir a verdadeira humildade. Todas as nossas escolhas decorrem e se inserem nestas duas escolhas ou direções básicas. Assim como a adoração das riquezas está no princípio de muitos outros males talvez mais sérios, o desapego de tudo o que possuímos é uma atitude

cristã básica a partir da qual poderá crescer uma verdadeira confiança em Deus, e só em Deus.

Nossa preferência pelos pobres se faz concreta em nosso estilo de vida simples. Cada um de nós vive em um meio e uma cultura particulares, é parte de nossa espiritualidade o ser capazes de estar plenamente presentes dentro de nosso próprio mundo. Neste marco, entretanto, elegemos a simplicidade de vida, que é mais que uma expressão de nossa liberdade para Deus: indiferença inaciana, liberdade interior. O estilo de vida simples é expressão também de nossa solidariedade com os pobres, enquanto tratamos de olhar nosso mundo e nossa sociedade a partir deles, com seus olhos.

COMUNIDADE: EM FUNÇÃO DE NOSSA MISSÃO

A terceira e última parte deste texto enfoca todo o anterior a partir da comunidade: uma relação de pessoas que desejam integrar melhor sua fé e sua vida diária em todas as suas dimensões, e que se reconhecem a si mesmos em nosso carisma. Este reunir-se em comunidade está imediatamente relacionado com o “serviço apostólico, especialmente nos ambientes cotidianos”, e com a “resposta ao chamado que Cristo nos faz... desde dentro do mundo em que vivemos”.

Formar comunidade é somente com vistas ao Reino de Deus, que cresce em nosso estar com Cristo e em nosso trabalhar com Ele, e em nosso estar junto a outros companheiros nesta grande empresa. O grupo, e a comunidade mais ampla, nunca serão, portanto, fins em si mesmos. Porém são indispensáveis para que possamos desenvolver o estilo CVX, que se orienta ao crescimento do Reino de Deus. Como Inácio e seus primeiros companheiros, também nós desejamos permanecer unidos e conectados uns com os outros em função da missão de Cristo, que é também a nossa.

A razão pela qual o grupo – o pequeno grupo e a comunidade mundial – são ferramentas tão poderosas para o Reino, fica clara mais adiante nos Princípios Gerais. O grupo é “uma experiência concreta de unidade no amor e na ação. O grupo é, portanto, uma comunidade de amor. O grupo é também uma comunidade de fé, ou seja, é para seus membros um “um primeiro meio de formação e de crescimento contínuo”, um local onde a partilha profunda da sua fé e da sua vida ocorre em base permanente (PG 11).

5. FONTES DA NOSSA ESPIRITUALIDADE

O tema central do PG 5 é a espiritualidade da CVX. Fica claro que, como todas as espiritualidades cristãs, a espiritualidade da CVX centra-se em Cristo, como nos apresentam vários transmissores da tradição cristã. Porém, ao mesmo tempo, delinea esta espiritualidade cristã a partir dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. O PG 5 nos recorda que somos pessoas de processo e de discernimento, e para sustentar esta vocação recomenda alguns bem testados meios de crescimento no Espírito.

FONTES INACIANAS AO LONGO DE TODO TEXTO

Em certa medida, pode-se ler e reconhecer diversos elementos da espiritualidade inaciana nos Princípios Gerais que precedem e que seguem o número 5. Vejamos então os Princípios Gerais na ótica da espiritualidade inaciana.

- PG 1: O primeiro PG evoca a forma de orar que Inácio propõe ao exercitante nas contemplanções da anunciação-encarnação. Nós estamos chamados a continuar a iniciativa que a Trindade teve ao enviar Jesus, e fazer nossas suas opções.
- PG 2: Os Princípios Gerais não devem ser entendidos como leis formais, mas como respostas às inspirações interiores motivadas pelo amor, pelo espírito que habita em nossos corações, para o bem de todos em nosso mundo.
- PG 3: A CVX segue o exemplo de Inácio, que inspirou pequenos grupos de homens e mulheres em um processo de crescimento no amor a Deus e a toda a humanidade.
- PG 4 : Inácio se relacionou com todo tipo de pessoas; bastava que tivessem sentido o chamado de Cristo. As CVX se formam para o proveito espiritual de seus próprios membros e para levar os valores do evangelho a toda a humanidade, especialmente aos pobres.

- PG 5 : A espiritualidade inaciana é o ponto central deste PG.
- PG 6 : Inácio foi sempre de alguma maneira desconfiado de suas próprias motivações. Por esta razão, constantemente discernia suas moções interiores e as relacionava com grande respeito às diretivas da comunidade de fé mais ampla. O ler os sinais dos tempos em sintonia com a Igreja e seus desejos de progresso para todos os povos é algo que interpreta muito bem o espírito de Inácio.
- PG 7 : Inácio via a Igreja como o prolongamento de Cristo em nosso mundo. Ele apreciaria muito a imagem de cada pequena comunidade relacionando-se com a Comunidade Mundial enquanto célula do corpo místico de Cristo.
- PG 8 : Este PG expressa a intuição básica de Inácio quando tratamos de determinar nossa missão e apostolados: “A graça flui desde o interior até o exterior”. Assim, a conversão de nosso próprio coração e a conversão dos corações daqueles com os quais nos relacionamos apostolicamente são prioridade, e daqui fluirão todos os outros benefícios.
- PG 9 : Maria, Nossa Senhora para Santo Inácio, é uma pessoa muito significativa nos exercícios. Isto é particularmente assim nos tríplexes colóquios. Inácio pede ao exercitante que busque a intercessão de Maria diante de desafios espirituais de distinta natureza. Como era de se esperar ela é uma pessoa notável nas contemplações da encarnação, do nascimento, da vida oculta, da paixão e da ressurreição. É interessante recordar que a capela da Anunciação no Colégio Romano dos Jesuítas foi o marco no qual nasceu a primeira Congregação Mariana reconhecida oficialmente, a de Jean Leunis SJ.

O MISTÉRIO PASCAL

O PG 5 enfatiza que a espiritualidade CVX centra-se em Cristo e, em particular, em seu mistério pascal: a vida, morte e ressurreição de Cristo.

A espiritualidade inclui as atitudes, os desejos, as motivações e a energia espiritual que ajudam as pessoas a viver sua vida cristã neste mundo. Algo básico na vida cristã é a relação pessoal com Cristo e o seguimento de seu exemplo de total dedicação à humanidade.

O conceito de mistério pascal se refere à tradição hebraica da “passagem”. Há uma “passagem” do anjo no Egito, e o cordeiro pascal é o símbolo da preocupação de Deus pelos hebreus. Está também a “passagem” através do deserto sob a condução de Moisés, e a travessia do Jordão conduzida por Josué. Para os israelitas, estas passagens eram um passar da escravidão à liberdade, do deserto à terra prometida, desde o exílio em Babilônia até o retorno a Jerusalém. No caso de Cristo, trata-se da “passagem” através do sofrimento e da morte à ressurreição.

O reconhecer a Deus em cada momento pede um reconhecimento do sempre presente ciclo da vida: o nascimento, a morte e a regeneração da vida.

REVELAÇÃO E TRADIÇÃO

Algo básico em qualquer espiritualidade é a tradição que a origina. Por isso, o PG 5 insiste que a espiritualidade CVX se baseia na Escritura, na Liturgia e nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. A CVX entende a tradição como um legado vivo que inclui em nossas vidas. O PG 5 dirige também nossa atenção aos elementos históricos de nossa fé, assinalando em particular o desenvolvimento doutrinal da igreja e a presença de Deus nos acontecimentos de nossa vida.

Espera-se que todos os membros CVX aprendam a orar com a Sagrada Escritura, e a usar a Escritura para compreender e viver suas vidas. Espera-se que todos tenham um profundo apreço pelo louvor a Deus que a Igreja como comunidade realiza – a Eucaristia – reconhecendo nela o lugar para a plena participação no mistério pascal. Espera-se que tragam frequentemente à Escritura suas vidas, preocupações e atividades.

A espiritualidade CVX leva a sério o que ocorre historicamente na experiência contínua da vida dos indivíduos e da humanidade. É importante valorizar as formas que a interpretação da Igreja sobre os acontecimentos da vida de Cristo se desenvolveu através dos séculos para sair ao encontro das constantes mudanças nas experiências da humanidade. Cremos que Deus está constantemente relacionando-se com todos nós, inclusive adaptando-se a nós e chamando-nos ao amor fraterno. Esta crença de que Deus é ativo e trabalha em nosso mundo, chamando-nos a assumir nossa responsabilidade para construir um reino de paz, justiça e amor, requer que nos tornemos pessoas discernidoras da ação do Espírito, tanto interna como externamente, como indivíduos e como comunidades. A espiritualidade da CVX contém uma exigência de fazer análise social em situações concretas, e de ler os sinais dos tempos enquanto o gênero humano atravessa diversas crises, êxitos ou fracassos.

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

É importante que a espiritualidade que flui dos exercícios espirituais de Santo Inácio seja experimentada e entendida pelos membros CVX. Os exercícios foram primeiro uma experiência vivida por Inácio em Manresa. Ele fazia apontamentos de suas experiências e logo ofereceu a algumas diversas pessoas, homens e mulheres que – segundo ele – poderiam tirar algum proveito de seus Exercícios Espirituais. Só depois de observar o efeito produzido e de reescrever várias vezes, fez ele a última composição do que agora conhecemos como os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

Inácio viu quanto bem obtinham os que faziam seus exercícios. Viu como estes exercícios ajudavam às pessoas a reconhecer a Deus em suas vidas. Viu que eles eram de ajuda para discernir como o Espírito Santo os movia a fazer opções e a atuar.

Os Exercícios espirituais completos são uma série de uns cento e vinte tempos de oração, que pode fazer-se intensivamente ou extensivamente ao longo de um período de 10 a 25 meses. O que os faz é acompanhado por um guia espiritual com experiência. Estão estruturados para ajudar à conversão das pessoas, fazendo-os viver experiências de criaturas, de criaturas pecadoras, chamadas por Deus, capazes de intimidade com Cristo em seu nascimento, vida pública, paixão, morte e ressurreição. Nestas experiências para a conversão, a pessoa aprende a apreciar o amor de Deus, e adquire a necessária liberdade para responder a esse amor de Deus que move seu ser até o companheirismo com Jesus Cristo.

PESSOAS COM SENTIDO DE PROCESSO E DE DISCERNIMENTO

“Vocação” é uma descrição significativa da atitude de vida dos membros CVX. Esta vida não se enfrenta como uma batalha que se há de lutar nem como uma tarefa que se há de cumprir. Tampouco é uma carreira que se há de coroar com êxito. A vida é uma permanente relação com Deus, que nos está constantemente atraindo mais além de nós mesmos em uma relação Eu-Tu. Esta relação implica uma mutualidade no compartilhar entre nós e Deus. Da mesma maneira que a Trindade se doa a si mesma e nos chama a partilhar em sua contínua ação salvífica, também nós estamos convidados à doação de nós mesmos e a responder (cf. PG 1). Porém, tanto o chamado como a resposta situam-se em um mundo histórico e em transformação, pleno de coisas boas e coisas más de frente para o futuro. O discernimento de espíritos é imperativo em uma sociedade global livre, na qual somos sócios com Deus e com os demais para a construção de um mundo melhor.

O PG 5 enumera um certo número de práticas que nos ajudam a cooperar com a influência vivificante do Espírito Santo. Trata-se basicamente de instrumentos para fazer crescer nossa capacidade de perceber as moções espirituais internas, e julgar se elas vêm de Deus, de nosso próprio espírito egoísta, ou de um espírito enganador fora de nós.

A oração de um membro da CVX será sempre desde dentro de sua situação concreta e mundana de vida. Constrói-se assim um verdadeiro sentido de identidade de amados por Deus e, ainda que criaturas limitadas e pecadoras, chamadas a serem companheiras de Jesus. Às vezes centrar-se-á em nossas necessidades de criaturas dependentes, enredadas em nosso pecado, clamando perdão ou pedindo a graça de poder perdoar a outro. Outras vezes, centrar-se-á em nossa impotência ao enfrentar o apostolado ou o sofrimento na missão. Porém, a maioria das vezes, a oração formal, especialmente a contemplação de fatos do Evangelho, será o modo de fazer crescer uma relação com Cristo. Tal tipo de oração ajuda também o discípulo a assumir a mente e o coração de Cristo como base para suas decisões no mundo de hoje.

Este conhecimento experiencial de Cristo é um critério básico para o discernimento pessoal e comunitário, tão necessário para viver o estilo de vida CVX. A dimensão comunitária da CVX sublinha a verdade de que não há discernimento pessoal sem discernimento comunitário, e vice-versa. A distinção entre o discernimento pessoal e comunitário é dada por quem é, em definitivo, o que tomará a decisão final. As avaliações e sugestões comunitárias, como também a oração sobre um assunto de um dos membros, são importantes para as decisões pessoais. Analogamente, a oração e o discernimento pessoal são necessários em qualquer aspecto ou etapa de uma decisão comunitária, desde a discussão de um problema até a avaliação, a recomendação, a decisão ou a ação.

O que faz que um processo seja discernimento inaciano é o uso que fazemos do conhecimento das moções interiores, que adquirimos na oração pessoal e comunitária. Há dois grupos de moções. Um grupo é basicamente tipificado por um sentido espiritual de estar unidos com Cristo, é um amor que se recebe e que se dá. O outro se caracteriza pela experiência de estar separados de Cristo e praticamente sós: é a desolação.

O PG 5 se refere depois a dois importantes meios para adquirir tal conhecimento interno, típico do discernimento: o Exame de Consciência e a relação com um orientador espiritual. A partir da experiência de oração pessoal mencionada acima, estes dois meios aumentam nossa consciência das experiências interiores de desejo e motivação como provenientes do “amor de Deus derramado em nossos corações” (Rm 5, 5), ou como afetos desordenados como os que Paulo enumera em Gálatas 5, 16-26.

O PG 5 termina com a célebre frase de Santo Inácio: “Buscar e encontrar a Deus em todas as coisas”. A frase recolhe a graça desejada na contemplação para alcançar amor dos exercícios. É uma expressão da espiritualidade da CVX, que nos convida a ser contemplativos na ação, usando a dinâmica da memória constante do amor de Jesus por nós em nossa história, em focar na presença do Espírito de Deus em todas as coisas, reconhecendo a paciência, o trabalho vulnerável de Deus, trazendo o mundo através da liberdade à completude e aumentando nossa sensibilidade ao simples, porém sublime modo com que o amor de Deus vem até nós nas nossas experiências cotidianas “como água que flui de uma montanha e como os raios de luz provêm do Sol”.

6. SENTIDO DE IGREJA

Os Princípios Gerais e sua evolução através dos anos não podem ser entendidos senão em um contexto eclesial. O PG 6 quer ser um texto eclesiológico, para explicitar que foi na Igreja onde conhecemos o Senhor, onde ele tocou nossas vidas e nos chamou a segui-lo por caminhos previsíveis, onde fomos convocados como comunidade de fiéis e guiados pelo espírito do Senhor. Dessa forma, o PG 6 nos convida a encontrar Cristo em todos os homens e em todas as situações, e a alcançar as fronteiras da Igreja, preocupados com o progresso de todos.

A UNIDADE DE CRISTO, A IGREJA E O ESPÍRITO

Ao descrever o carisma da CVX, os Princípios Gerais dedicam o número 6 ao sentido de Igreja. Não podia ser de outra forma, dado o lugar que este ocupa na espiritualidade inaciana. Às vezes, ele é interpretado de maneira muito estreita, associado exclusivamente às “regras” que Santo Inácio propõe nos Exercícios (EE 352-370). Mais verdadeiro é vinculá-lo à experiência do amor e seguimento de Cristo: desse Senhor, que desde a cruz me salva (EE 53), que me chama a trabalhar com ele no projeto do reino (EE 91ss), a quem desejo com toda a minha alma conhecer, para mais amá-lo e segui-lo (EE 104).

Desde sua estrutura básica, o caminho espiritual de Inácio ata em um feixe inseparável Igreja, Cristo e Espírito. Não há outro caminho para ir ao Pai. Para fazer sua eleição o exercitante discerne os vários espíritos (EE 176), enquanto segue contemplando a Cristo (EE 135). E o que elege há de ser coisa “que milite dentro da Santa Madre Igreja Hierárquica, e não má nem repugnante a ela” (EE 170). As regras de discernimento dos espíritos e as outras regras para sentir com a Igreja são ajudas para manter unidos a Igreja e o Espírito no seguimento apostólico de Cristo para trabalhar pelo Reino.

Se esta tríplice vinculação é o que subjaz e dinamiza o sentido de Igreja, compreende-se que os Princípios Gerais tratem do sentido de Igreja na perspectiva apostólica do Reino. Os Exercícios nos fazem acompanhar ao

Senhor construindo sua Igreja com pessoas e ações concretas. Assim a crescente identificação com Cristo leva a um progressivo crescer em identificação com as pessoas e ações da Igreja. O “sentido verdadeiro” de Igreja - a que apontam as regras - não é só da ordem do conhecimento intelectual senão um instinto natural que brota do amor e gosto interior. É da ordem do “conhecimento interno”, do “sentir e saborear” (EE 2, 104). É fé cordial no Cristo total, cabeça e membros: “credo ecclesiam”. No amor à Igreja e às pessoas que a formam, vai-se estendendo - até querer abraçar a todos os homens e mulheres do mundo - o amor ao Senhor Jesus Cristo. Porém, ao estar enraizado na “sequela Christi”, é um amor de enviado a trabalhar, a servir. Vejamos isto analisando o texto que nos propõe os Princípios Gerais.

A IGREJA EM MISSÃO

Já fizemos notar o marcado acento na missão que percorre os Princípios Gerais de 1990. O número referente ao sentido de Igreja já tinha esta ênfase na versão de 1968, e a formulação de 1990 limita-se a introduzir leves modificações. Vejamos como aparece, no novo texto, a ideia de missão, recapitulando o que já estava e considerando as novas contribuições.

Na igreja “Cristo continua aqui e agora sua missão salvadora”. Estar nela não é algo estático, mas um chamado a fazer-nos “sensíveis aos sinais dos tempos e às moções do Espírito Santo”. Este chamado se converte em envio “a encontrar Cristo em todos os homens e situações”.

A riqueza de ser membro da Igreja nos move a participar na liturgia, meditar a palavra de Deus e aprender a doutrina cristã. Porém, imediatamente esta riqueza se converte em missão: “trabalhamos junto com a hierarquia e outros líderes eclesiais, motivados por uma comum preocupação pelos problemas e o progresso de todos”. Nesta última frase há uma modificação não irrelevante: à vontade clara e decidida de colaborar com os pastores, se

acrescentou a frase “e com outros líderes eclesiais”, dando assim melhor conta da complexa origem de muitas iniciativas apostólicas.

ALCANÇAR AS FRONTEIRAS DA IGREJA

A parte final do PG 6 reforça o enfoque missionário de todo o parágrafo, pondo nosso sentido de Igreja em relação “à obra de fazer avançar o Reino de Deus na terra”. Imediatamente depois, quase como consequência lógica, se introduz a frase - nova com respeito ao texto de 1968 - que afirma o sentido de Igreja “inclui uma disponibilidade para partir a servir ali onde as necessidades da Igreja peçam nossa presença”.

Esta frase, talvez a principal novidade neste parágrafo, é compreendida à luz da vida da comunidade nos anos recentes. Já desde Providence '82 havia experiência de membros que deixavam seu lugar e ocupações ordinárias para acudir a necessidades da Igreja. Este processo foi valorizado positivamente por Loyola '86 e continuou estendendo-se, caso se tratasse de servir em outro país ou no seu próprio. Responde também ao impulso missionário dado aos leigos pela hierarquia em todos os níveis.

A ideia de “partir a servir” não há de entender-se só como deslocamento geográfico. Pode ser muito rico ler a expressão “necessidades da Igreja” como “carências da Igreja”, e não é necessário forçar o sentido da palavra “necessidade”, que inclui sempre o de carência, assim, o desafio é preocupar-se por chegar ali aonde a Igreja não chega, às fronteiras da fé, aos setores menos evangelizados da cultura, aos homens e mulheres que rechaçam ou criticam a Igreja, aos aspectos menos evangelizados na própria vida da Igreja. Esta ideia poderia dar um enorme dinamismo à CVX em seu conjunto e a seus membros como indivíduos.

FORMAÇÃO E MISSÃO

A Igreja - e a CVX - encontra seu sentido na missão, como já está claro. Porém isto não tira a importância do fato que é também um lugar de formação, de crescimento, de anúncio. Onde antes só se falava de “difundir a doutrina”, a nova redação diz: “aprendemos, ensinamos e promovemos a doutrina cristã”. Assim se quer fazer ver este duplo chamado a formar-se e sair em missão, a beber das fontes e a ser fonte para outros. De passagem, vai-se ao encontro do fato - hoje bastante difundido - da ignorância em pontos doutrinários dos mesmos membros da CVX.

Esta relação entre formação e missão há de entender-se não como contiguidade, mas como interação dialética, pois é assim que se vive na Igreja e que Jesus formou seus apóstolos.

UM CARISMA EXIGENTE

O sentido de Igreja é, pois, uma constante atenção ao Cristo do Evangelho, às necessidades da Igreja e dos homens e às moções que o espírito suscita em nosso coração para “em tudo amar e servir”. É uma decidida vontade de ser fiel ao chamado de estar e trabalhar com Cristo pelo Reino do Pai, aceitando de coração a comunhão afetiva, doutrinária, disciplinar e missionária com a Igreja. Implica que todos os nossos discernimentos de alguma forma sejam levados à confirmação da Igreja.

Está claro que o sentido de Igreja é algo muito exigente. Não poderia ser de outro modo por estar enraizado no seguimento de Cristo, levando com Ele cada dia a cruz.

Junto com isto, recordemos a necessidade de usar a pedagogia inaciana do crescimento gradual. Por ser uma atitude de caminhantes, o sentido de igreja se desenvolve gradualmente, vincula-se estreitamente às diversas fases do

desenvolvimento das pessoas e comunidades CVX, amadurece como o trigo da parábola, passa pelas tentações contra as quais nos previnem as regras de discernimento da segunda semana, há que cultivá-lo com especial dedicação nos tempos de crise.

A contemplação para alcançar amor nos põe ante Deus Nosso Senhor, “o amante” que quer comunicar-se conosco: dando-nos e dando-se; acercando-se até fazer de nossos corações um templo seu; trabalhando no mundo e dentro de nós por amor. Esta contemplação é para a CVX o caminho habitual para cultivar e crescer em sentido de Igreja.

7. VÍNCULOS COMUNITÁRIOS

O PG 7 se refere explicitamente à vida comunitária. Pode ser lido, vivido e compreendido de diferentes maneiras pelas pessoas em diversas etapas de crescimento e distintos tempos. O fato que tenhamos escolhido formar uma comunidade mundial, o significado e implicações deste fato, o papel que deve desempenhar a pequena comunidade local em relação com a comunidade maior, os elementos que nos “fazem comunidade”, a forma na qual construímos comunidade e nos comunicamos com outros, constituem alguns dos conteúdos propostos no PG 7 para nossa reflexão e ação.

O CAMINHO PARA A COMUNIDADE MUNDIAL

Percorrer o caminho até a Comunidade Mundial CVX tomou mais de 400 anos! A primeira parte desta viagem foi comentada anteriormente quando nos referimos ao PG 3. Agora será útil considerar a parte mais recente desta viagem, o qual inspira de forma significativa o PG 7.

Em 1953, as Congregações Marianas ao redor do mundo decidiram formar a Federação Mundial das Congregações Marianas, e iniciaram um processo de renovação que posteriormente, inspirado no Vaticano II e sua ênfase no papel do laicato, levaria a mudanças extremamente significativas. Na Assembleia Mundial de 1967, declarou-se que as Congregações Marianas seriam conhecidas a partir de então como a Federação Mundial das Comunidades de Vida Cristã; que se tratava de um organismo leigo autônomo, cuja carta fundamental não seriam mais as normas comuns promulgadas pelo Geral dos Jesuítas, mas seus próprios Princípios Gerais e Estatutos; e que a Federação Mundial substituiria à Prima Primária como (textualmente) “mãe e cabeça de todas as Congregações Marianas” e garantia de sua autenticidade.

À medida que foi passando o tempo e os Exercícios de Santo Inácio causavam um impacto cada vez maior na vida da CVX Mundial, foi-se dando a

crescente sensação de que CVX era uma Comunidade Mundial mais que uma Federação Mundial.

Posto que os contatos entre os membros CVX se faziam mais frequentes a nível local, nacional e internacional, estes começaram a descobrir, cada vez que se encontravam, que compartilhavam um caminho comum, um estilo de vida em comum e que, na realidade, se tratava de uma experiência mundial.

Com o risco de ser excessivamente simplista: em uma estrutura de Federação Mundial, o compromisso principal é com o grupo local; e logo, mediante uma série de afiliações sucessivas, com a Federação Mundial. Os delegados à Assembleia Geral da Federação Mundial tendem a ser representativos de sua própria Federação Nacional. Diferentemente, em uma estrutura de Comunidade Mundial, o compromisso primeiro é com o estilo de vida comum compartilhado mundialmente – a Comunidade Mundial – através da pertença a um grupo local. Neste esquema, os delegados à Assembleia Mundial não são meros representantes de suas comunidades de origem, mas são a Comunidade Mundial reunida, isto é, o corpo governante da Comunidade Mundial.

Parte do gênio das CVX – que provêm de sua herança inaciana – consiste em que as estruturas evoluem refletindo a experiência das pessoas. Assim, a Assembleia Mundial que se realizou em Roma, em 1979, desenvolveu o tema “para uma Comunidade Mundial ao serviço de um só mundo”. Nesta assembleia, se solicitou aos delegados pronunciar-se acerca do seguinte ponto: “Deveríamos lutar ativamente por converter-nos em uma comunidade mundial?”, ao que a maioria respondeu: “sim”.

Na Assembleia Mundial de Providence (EUA) em 1982, se perguntou aos delegados: “Sentimo-nos chamados, agora, a formar uma comunidade mundial?”. Quando, na assembleia prévia se havia votado a favor de lutar ativamente por converter-nos em uma comunidade mundial, o voto não havia

sido unânime. O sentido da nova interrogação tinha muito que ver com a repetição e avaliação inacciana: era a oportunidade que tinham os delegados presentes de revisar a decisão tomada em Roma, de refletir acerca de sua própria experiência desde então e, à luz de tudo isso, expressar se acolhiam ou não o chamado à comunidade mundial. Dos 39 delegados com direito a voto, 37 responderam de forma afirmativa e dois, por distintas razões, se abstiveram. Ninguém votou contra. Muito dos delegados declararam que sentiam o sopro do Espírito em uma tão extraordinária expressão de consenso.

Em Loyola, em 1986, simplesmente dava-se por certo que os delegados reunidos em Assembleia Mundial constituíam o “corpo governante” da CVX Mundial, mais que “representantes” daqueles que os haviam enviado: experiência muito comovente e privilegiada do que é ser uma Comunidade Mundial.

A transformação de uma Federação Mundial em uma Comunidade Mundial tornava necessário implementar uma série de modificações nos Princípios Gerais, que permaneciam desde sua primeira aparição em 1967 e sua confirmação em 1971. Estabeleceu-se um comitê especial com o objetivo de elaborar um esboço de novos Princípios Gerais. Depois de um extenso processo de consulta a nível mundial, os novos Princípios Gerais foram aprovados pela Assembleia Mundial de Guadalajara (México), em 1990, e em seguida confirmados pela Santa Sé.

O número 6 dos Princípios Gerais de 1967 estabelecia: “nossa entrega pessoal encontra sua expressão no compromisso com uma comunidade particular, livremente escolhida”, enquanto que no número 7 dos novos Princípios Gerais se assinala: “Nossa entrega pessoal encontra sua expressão no compromisso pessoal com a Comunidade Mundial, através de uma comunidade particular livremente escolhida”. Esta mudança é uma clara expressão do longo caminho percorrido em direção à Comunidade Mundial.

A EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA DE INÁCIO

Refletindo sobre os Princípios Gerais de 1971, o Padre Louis Paulussen SJ se referiu à insistência na vida comunitária como um aspecto novo, ainda que nossas fontes históricas revelem um forte espírito comunitário já no primeiro grupo constituído em Roma em 1574, que foi progressivamente diminuindo nas sucessivas Regras Comuns (1587, 1855, 1910) até chegar a ser um estilo bastante autoritário. Parecia importante, nesta etapa de CVX, comparar nossa própria experiência de comunidade, e sua expressão nos Princípios Gerais, com o caminho comunitário e pessoal do próprio Inácio, em especial antes que a primeira comunidade inaciana de “Amigos no Senhor” decidisse, nas deliberações de 1539 em Roma, manter sua unidade mediante um voto de obediência ao superior, com o que se transformava a natureza deste em uma congregação religiosa: A Companhia de Jesus. Até este evento, é possível considerá-los como a primeira Comunidade de Vida Cristã em essência: foram leigos durante a maior parte desse tempo.

Inácio foi conduzido desde o serviço a Deus puramente pessoal ao serviço comunitário. As meditações do Reino (EE 91-100) e das duas bandeiras (EE 136-148), a essência do mistério de Cristo, deram a Inácio uma nova visão do Rei Eterno e de sua vocação de serviço: chegou a compreender o convite do Pai em Cristo a uma vida de cooperação apostólica. Já não mais um Cristo para imitar, mas um Rei vivente e ativo que busca colaboradores e amigos generosos

no mundo de hoje. Tal como ocorre com Inácio, se trata do chamado que nos faz Cristo e o PG 7: “Nossa vida é essencialmente apostólica” (PG 8).

A experiência logo ensinou a Inácio que falar com as pessoas é frutífero para elas e que dar o que havia recebido não diminuía seu valor, mas era benefício para sua vida espiritual (Autobiografia 29). Como resultado de sua experiência, respondeu abandonando seus antigos excessos e cortando suas unhas e cabelos. O encontro com outros ensinou a ele, e posteriormente à primeira comunidade inaciana, a moldar-se para o propósito do apostolado. Deus guiou a ele e a sua comunidade mediante sua experiência e história. Cada um refletiu acerca de sua experiência, prestou atenção a seus movimentos internos, depurou e discerniu esses movimentos em comunidade e logo respondeu a Deus. Este é o fundamento da formação das CVX para a missão.

A primeira tentativa comunitária de Inácio em Barcelona teve vida curta. Quando Inácio viajou para Paris, o grupo desanimou e cada um tomou seu próprio caminho. Em Paris, Inácio conheceu Fabro e Javier e cresceu uma profunda amizade entre os três. Ali se iniciou o “processo de intercâmbio” que foi uma das características daquela primeira comunidade de 10. Cada um deu o que tinha aos outros. Outros se uniram a eles e Inácio deu os Exercícios a cada um em separado ao longo de um prolongado tempo de preparação. Inácio havia aprendido de sua experiência em Barcelona. Cada um deles de forma independente, voluntária e espontânea chegou à mesma decisão de consagrar sua vida a Deus no serviço aos outros em conformidade com o estilo de vida que haviam experimentado. Sua preparação significou para eles quatro anos de vida conjunta com Inácio como pai espiritual. Experimentaram um processo de crescimento espiritual em comunidade. Conheceram a vida, viveram-na, provaram-na e chegaram a identificar-se com ela. Esta maturidade espiritual foi inspirada no espírito dos Exercícios que viveram como grupo com Inácio como guia.

Duas características distintivas dessa primeira comunidade inaciana são especialmente importantes para nós. Em primeiro lugar, sua estreita relação com os pobres e, em segundo lugar, a unidade em sua “forma de proceder” que constitui o carisma peculiar de sua vocação apostólica (1).

UMA VOCAÇÃO AMADURECIDA EM COMUNIDADE

Esta mesma “maneira de proceder” é a base de tudo na CVX. O processo comunitário CVX – o dos Exercícios Espirituais em Comunidade –, a maneira de discernir o amor na ação, é fundamento e chave de nosso estilo de vida. Introdz-se, experimenta e aprende primeiro na comunidade local em formação e é ali e na comunidade maior que se prova, vive e discerne a vocação pessoal a este “estilo” (Normas Gerais 1, 2, 3 e 4) durante um período considerável de tempo. Aquelas pessoas que não tenham sido chamadas a viver este estilo deverão ser ajudadas a encontrar outro grupo ou estilo. Na afirmação do PG 7 “nosso vínculo comunitário é nosso compromisso comum, nosso comum estilo de vida e nosso reconhecimento e amor a Maria como nossa mãe”, nossa vocação se refere a uma maneira de proceder, um estilo de vida, essa é nossa vocação particular (PG 4). Nossa comunidade nasce de pessoas que vivem uma vocação comum. Nosso chamado e compromisso com este estilo nos vinculam e unem em comunidade. É possível observar o anterior no sentido de pertença e de estar indo por um caminho comum que os membros de CVX experimentam quando se reúnem na comunidade maior.

Maria é nosso modelo de resposta amorosa na fé à iniciativa do Pai. Nem sempre compreendendo, em ocasiões, temerosa, porém aberta, ouvinte e atenta e respondendo ativamente.

Nosso centro está na Eucaristia, na qual compreendemos a “visão de Mundo” que nela se promove, e também recordamos que a CVX forma uma Comunidade Mundial. O Reino de Jesus – o Reino de Deus – ultrapassa todas as barreiras e abarca todas as pessoas.

O SENTIDO DE PROCESSO DENTRO DE UMA COMUNIDADE APOSTÓLICA

As CVX ao redor do mundo são, em geral, jovens em termos de formação apostólica inaciana (a formação CVX para a missão leva anos). O Padre Osuna em “Amigos no Senhor” distingue entre comunidade apostólica e “comunidade de formação, que obviamente é de tipo transitório. Nela se realiza a preparação para a comunidade apostólica definitiva, deve adaptar-se a esta última e recebe sua inspiração desta” (1). Não contamos com muitos membros CVX “formados” ou com experiência ou com comunidades a partir das quais as comunidades em formação possam “inspirar-se”. “Formados” não significa que hajam terminado ou “chegado à meta”; contudo, haveria aparentemente uma maturidade quando se chega a ser uma “pessoa em processo CVX”, quando a própria forma de proceder se volve inaciana quanto à sua natureza. Estamos em permanente formação! Em outras palavras, temos poucos modelos de comunidade de vida cristã apostólica. Isto não quer dizer que não tenhamos pessoas em muitas CVX que vivam vidas apostólicas. É possível assinalar, a partir da experiência, que existe uma diferença entre uma CVX na qual alguns ou todos os seus membros são apostólicos, e uma CVX apostólica.

Uma CVX apostólica é uma comunidade que, em resposta a uma experiência ou situação, é capaz de discernir honestamente uma decisão em comunidade com a participação de todos os membros, esperar a confirmação, e logo continuar com a moção ou viver a decisão de forma aberta. Esta maneira de proceder, então, se converte em sua forma de operar.

Em uma CVX apostólica, existe um profundo desejo de buscar a vontade de Deus, de encontrar uma relação com o Espírito, de conseguir um encontro a um nível que transcenda as diferenças. Nossa entrega pessoal se expressa deixando sair nossas ideias e desejos para poder ser livres para aceitar, com verdadeiro desejo, a maior glória de Deus na decisão comunitária – conhecer e crer que a verdade do espírito se encontra dentro da comunidade e confiar que o

espírito falará ao grupo discernindo em comum. Isto requer um amor firme, honestidade, confiança profunda, escuta e um grau de liberdade espiritual. A comunidade já haverá experimentado a “etapa de redenção” – ou de pecado grupal – a níveis profundos. A meditação do Reino e as duas bandeiras, essenciais para compreender a comunidade apostólica da CVX e do PG 7, se situam ao final da primeira semana e na metade da segunda semana dos Exercícios Espirituais. A pessoa ou comunidade consegue chegar a estas meditações e graças chave somente depois de haver experimentado a primeira semana – a etapa de redenção – a que amiúde evitamos e pouco compreendemos a nível comunitário (ver o “Survey” do processo de formação CVX). Da mesma maneira que a experiência de profunda gratidão do pecador amado, perdoado e salvo a nível pessoal leva ao desejo de estar com Cristo na missão, na experiência comunitária a energia para a missão nos chega da profunda gratidão de aceitação e amor tal e como somos por parte de Deus e dos outros.

É nessa profunda experiência comunitária de pecado e total dependência em Cristo para a salvação que conseguimos “conhecer” a unidade em nossa diversidade: Cristo como fonte e foco de nossa “comunidade”, de nossa união em e com ele como colaboradores, como povo eucarístico.

A Comunidade de Vida Cristã descrita no PG 7, em seu nível mais profundo ou maduro, constitui uma comunidade apostólica. A forma de proceder corresponde à da primeira comunidade inaciana. As CVX em formação são transitórias no sentido e necessidade de ser guiadas para e receber sua inspiração da comunidade apostólica. Isto não significa que alguma etapa da CVX seja superior a outra, porém reconhece que existem diferentes níveis de viver a graça deste estilo de vida.

O PG 7 pode ser lido, vivido e compreendido de diferentes maneiras por pessoas em diversas etapas e tempos. Assim é como ocorre na vida espiritual. Tudo é dom e graça.

Nossa “entrega pessoal” se expressará de diferentes maneiras à medida que formos aprofundando nossa promessa, isto é, nosso compromisso com CVX deixando-nos imbuir daquele espírito de gratuidade, de dar e receber mutuamente, que encontramos no coração dos Exercícios Espirituais e nosso estilo de vida. Nunca teremos “chegado”: sempre há “mais”, posto que somos atraídos mais e mais profundamente pelo amor e mistério da Trindade e de cada um de nós.

Ao início do caminho na CVX, o novo membro expressará a entrega de si mesmo assistindo a reuniões e compartilhando sua vida e oração em uma nova comunidade.

Para o membro CVX que tem experiência no que se refere a “chegar a ser uma comunidade apostólica”, esta entrega de si mesmo pode significar um profundo compromisso em uma comunicação de pessoas em processo de discernir o amor e o diálogo com o Espírito, compartilhando as vidas e a oração – isto é, os toques do bom espírito e as perturbações do mau espírito –, reagindo e respondendo um ao outro, depurando as moções e discernindo o caminho que nos mostra o Espírito nas circunstâncias de uma determinada situação ou acontecimento, tornando-se cada vez mais sintonizado e sensível ao Espírito, encontrando a Deus em mais coisas. A qualidade da presença e a capacidade de amar da pessoa vão mudando à medida que se produz a abertura ao Espírito. A pessoa se converte em veículo de Cristo facilitando e tornando possível que outros percebam ou reconheçam o lugar que ocupa o Espírito dentro de si mesmos, sintonizado com as moções do espírito em outras pessoas ou grupos, convertendo-se em “pessoas de processo CVX”, que encontram ao Deus/Tudo em todas as coisas.

ESTENDE-SE MAIS ALÉM... ÀS PESSOAS DE BOA VONTADE

Como compreender nossa responsabilidade por desenvolver os laços comunitários... com todas as pessoas de boa vontade?

A boa vontade vem do Espírito. Toda vontade vem de Deus ainda quando é possível que a “pessoa de boa vontade” se mostre resistente a utilizar o termo “Deus”. Muitos rechaçam a Igreja e nossa “linguagem de Deus” aduzindo que estas são irrelevantes e sem sentido, porém muitos também expressam suas ânsias de significado e vontade de uma dimensão mais profunda da vida, como Deus! Existe um enorme bloqueio entre a percepção das pessoas e a realidade de Deus. Inácio era um mestre da conversação espiritual e o discernimento. Esta forma de interação parece ser um chamado a criar “laços comunitários”. Trata-se de uma atitude facilitadora e de profunda escuta daquele em processo CVX, atitude que foi experimentada, aprendida e praticada na comunidade durante um período de anos. Escutar a outro que se expressa – em sua própria linguagem e estilo – acerca do lugar que ocupa o Espírito nele; ouvir, acolher e estar atentos às moções do Espírito produzidas em nós mesmos ao escutar; logo responder facilitando ou fazendo possível que a pessoa articule um pouco mais o que é quase inexprimível; tudo isto é profundamente inaciano e apostólico. O que mais pode ser mais libertador e estimulante da verdade e o amor do Espírito que o fato de que outro nos “escute” e acolha e, então, confirme? É possível ajudar às pessoas de “boa vontade” de todas as condições sociais a reconhecer sua trajetória para Deus e responder. Isto pode aparecer como um nível de discernimento de tipo secular e elementar. Inclusive, é realista em nossos dias. A paz, vida e energia do Espírito, uma vez experimentadas e reconhecidas, nos proporcionam a base sobre a qual outras moções podem acolher-se e comparar-se. Com ajuda, as pessoas podem ser animadas a perceber o que é que as afasta desta bondade. Esta é uma forma de “transformar os critérios que inspiram os juízos que se fazem em nossa sociedade”. (Josefina Errazuriz, em *Progressio* n.º 4, 1990).

Uma atitude facilitadora e de escuta da pessoa em processo encarna a característica inaciana de conversação espiritual e discernimento. Trata-se de uma atitude profundamente comunitária que também pode ser profundamente apostólica. Também é contemplação na ação. Os parágrafos A, B, C e D do PG 8 também podem ser lidos sob esta luz.

Creemos que Deus está se revelando, em nossos dias, em expressões culturais que não constituem a tradicional linguagem de Deus, porém que certamente são de Deus. Temos os meios, e através destes Princípios Gerais, somos chamados a escutar e responder. A colheita é grandiosa e o estilo é radical, profundamente desafiante e gratificante. Trata-se acaso de um caminho de missão comunitária?

Os primeiros judeus cristãos tiveram que encontrar uma nova linguagem quando os gregos convertidos chegaram à primeira Igreja. Inácio e seus companheiros foram conduzidos a uma forma de proceder radical e sem precedentes na comunidade apostólica do século XVI. Creio, como o Padre Osuna, que a verdadeira compreensão inaciana da comunidade contém as sementes de atualização para responder aos nossos dias e a este mundo. Uma das “sementes” de atualização descansa em nosso processo e nas pessoas que experimentam estes processos CVX, que pouco a pouco se tornam livres, permitindo a elas expressar sua experiência em sua própria linguagem e estilo e facilitando uma maior consciência e resposta ao Senhor. Nosso processo oferece uma forma de inculturação e diálogo profundo, de encontrar a verdade nas diferenças, de evangelização e universalidade. Só nosso rechaço a responder limita este estilo do espírito!

O PG 7 é um princípio para ser aprofundado e vivido onde quer que nos encontremos em nosso caminho CVX – não é um ideal que nunca se poderá alcançar. O chamado profundo à comunidade apostólica referido no PG 7 é intenso, pertinente e profético hoje em dia.

Referências

- 1 Friends in the Lord por Javier Osuna SJ, The Way Series 3, 1974.
- 2 The conversational Word of God por Thomas Clancy (Comentário acerca da doutrina de Inácio sobre a conversação espiritual). The Institute of Jesuit Sources. St. Louis 1978.
- 3 Survey of the formation process in the christian life communities (CLC). Secretariado da CVX em Roma.
- 4 A commentary on Saint Ignatius rules of the discernment of spirits Jules J. Toner SJ The Institute of Jesuit Sources 1982.

Document on “Bonding”. Por um grupo CVX internacional. Secretariado da CX em Roma.

8 - VIDA APOSTÓLICA

“Eu vos escolhi para que vades e deis fruto, e que vosso fruto permaneça”. Inspirada nesta passagem das Escrituras se reuniu a Assembleia Geral que aprovou os Princípios Gerais. O tema de interesse comum foi a missão e para todos ficou claro que não se trata de adotar um programa, senão de permanecer com Cristo para assim ser capaz de dar frutos. Os Princípios Gerais, o mais longo da primeira parte, consegue definir nossa missão como participação na missão de Cristo e lançar-nos um desafio como indivíduos e comunidades. Também nos proporciona algumas orientações úteis para avaliar e projetar nossa participação apostólica.

CONTEXTO DO PG 8 NOS PRINCÍPIOS GERAIS

O PG 8 está situado na primeira parte: nosso carisma. Ele serve para recordar-nos que o serviço apostólico não é só uma atividade da CVX, mas, sobretudo, uma parte intrínseca de seu carisma. Este carisma contém três elementos inseparáveis: comunidade, espiritualidade, missão. A CVX nunca deve ser meramente um grupo de oração, um círculo de espiritualidade, um grupo de discussão.

Tampouco pode ser só um grupo de ação social, um grupo de pressão, uma unidade de trabalho. Em virtude destes Princípios Gerais, a CVX se compromete com a tarefa de eliminar todos os obstáculos que se opõem ao reinado de Deus no mundo, quer sejam de caráter pessoal, social ou estrutural. Por isso a CVX crê, e deve crer, que só pode cumprir eficazmente essa missão mediante seu carisma, o que, no PG 1 se denomina a moção do Espírito Santo. Um carisma se experimenta como uma iluminação, um imperativo e uma promessa.

A sequência dos diversos princípios da primeira parte não é fortuita: ela nos revela em si alguns dos elementos mais profundos de cada princípio.

No que se refere à vida apostólica da CVX, o PG 8 retoma os temas com que se inicia e conclui o PG 6. Este se inicia com o tema da permanente “missão salvadora” encomendada por Cristo. Conclui com os temas de “fazer avançar o Reino de Deus na terra” e “uma disponibilidade para partir a servir ali onde as necessidades da Igreja peçam nossa presença”.

Ainda que exista uma só Igreja Universal e uma só missão, existe uma diversidade de carismas outorgados pelo Espírito Santo. Por conseguinte, existe uma pluralidade de vocações leigas, clericais e religiosas na Igreja. Devemos ler o PG 8 à luz da decisão de Jesus de fundar uma comunidade aberta e flexível como o principal instrumento para continuar sua obra na terra.

Entre estes dois Princípios Gerais dedicados ao “sentido de Igreja” (PG 6) e à “vida apostólica”(PG 8) se encontra o PG 7, dedicado à noção de “laços comunitários”. Como comunidade com um sentido de Igreja, a CVX deve adotar seu próprio carisma particular e manter vivo seu próprio dom de criação de laços. Só então poderá ser um instrumento adequado para o trabalho do Evangelho.

Após o PG 8 vem o “princípio mariano” (PG 9) da missão CVX, no qual vemos Maria como modelo de nossa missão.

PEREGRINAÇÃO E APOSTOLADO

“Como membros do povo de Deus a caminho”

Para respeitar com maior fidelidade um modelo de Igreja proposto pelas Escrituras e pelo Concílio Vaticano II, o PG 8 acrescenta a expressão “a caminho” para descrever o Povo de Deus. Essa palavra nos recorda constantemente que não temos aqui uma cidade fixa, mas que seguimos em busca da que está por vir (Hb 13, 14). Trabalhar para o estabelecimento do Reino de Deus sobre a terra não é um contrato que possamos cumprir dentro de

um prazo determinado ou com certos resultados desejados. Como o povo a caminho, devemos estar preparados para avançar mais além de qualquer parte a que tenhamos chegado, mais além da conquista do momento: buscamos a Deus que é sempre maior (cf. 1 Jo 4, 20). Formados no discernimento inaciano e “sensíveis aos sinais dos tempos e às moções do Espírito” (PG 6), amiúde seremos chamados a ir mais além da “letra do texto” (PG 2), a escutar o espírito que fala com novas vozes na Igreja e em nosso mundo.

VOCAÇÃO PROVENIENTE DE DEUS: MISSÃO RECEBIDA DE CRISTO

“Recebemos de Cristo a Missão de sermos suas testemunhas ante toda a gente”

Enquanto no corpo principal do PG 8 se assinala que nossa missão foi encomendada por Cristo, na seção (A) em seguida nos é dito que “cada um de nós é chamado por Deus”. Cada vocação pessoal provém de Deus, de quem provém “tudo aquilo que é bom, tudo aquilo que é perfeito” (Jo 1, 17; cf. EE 237). Em virtude da Encarnação, que é “obra” da Trindade (EE 108), toda vocação floresce até converter-se em uma missão recebida da mão de Cristo, pois ele mesmo é a “missão” primordial da Trindade para o mundo.

CONVERSÃO E APOSTOLADO

“por nossas atitudes, palavras e ações”

Ao renovar a aliança, Jesus nos ensinou que as ações e palavras externas não são as únicas áreas em que somos afetados pelo pecado: também devemos aprender a observar o coração e a mente (Mt 5, 20-48). Do mesmo modo, na oração preparatória para cada meditação dos Exercícios Espirituais, oramos pela “graça de que todas as minhas intenções, ações e operações possam ser dirigidas unicamente para o louvor e o serviço da Divina Majestade”.

É neste espírito que o PG 8 acrescenta agora a palavra “atitudes” ao texto anterior, no qual só se falava de “nossas palavras e ações”. Com frequência podemos sentir-nos dolorosamente conscientes da exigência de uma dicotomia entre nossas palavras e as inclinações de nosso coração (cf. Is 29, 13; Mc 7, 6). É desde o interior, desde o coração humano, que emergem as más intenções (Mc 8, 20). Meu próprio coração é uma parte importante do campo de batalha onde se desenrola a luta pelo Reino de Deus. A conversão pessoal é uma parte integrante do compromisso apostólico.

APOSTOLADO PROFÉTICO E MESSIÂNICO

“...missão de dar a Boa Nova aos pobres, anunciar aos cativos sua liberdade, dar a vista aos cegos, libertar os oprimidos e proclamar o ano de graça do Senhor”.

A origem destas palavras é tanto profética como messiânica, e se encontra no Antigo Testamento. Na sinagoga em Nazaré, Jesus leu esta passagem tomada do profeta Isaías (Is 61, 1-2; cf. Lc 4, 16-22)

O espírito do Senhor está sobre mim

porque ele me ungiu

para que dê a boa notícia aos pobres.

Enviou-me para anunciar a liberdade aos cativos

e a vista aos cegos,

para por em liberdade os oprimidos,

para proclamar o ano de graça do Senhor.

Devemos supor que Jesus escolheu deliberadamente esta passagem para ler, plenamente consciente de que nestas palavras ele havia encontrado sua própria missão messiânica. Em contextos diferentes e maneiras distintas, Isaías repetiu esta concepção fundamental da missão do Servo sofredor de Deus. De igual forma, Jesus voltou a recorrer a estas palavras em outras épocas de sua vida para expressar novamente o caráter de sua missão (Mt 11, 1-11). Ele deve ter considerado que estas palavras constituíam a expressão mais adequada e concisa do propósito de sua vida.

Um sentido de deliberação similar é o que impulsiona a CVX a empregar estas mesmas palavras para expressar sua própria apreciação do significado da missão recebida de Jesus.

O fundo profético e messiânico destas palavras é um critério importante para sua inclusão nos Princípios Gerais. O texto não é uma lista de deveres cívicos ou sociais; não é um programa de participação. Fundamentalmente não é possível considerar o texto como um corpo que inclui tudo o que significa uma missão: **O campo da missão da CVX não tem limites.**

Igual a toda palavra de Deus, o texto de Isaías empregado por Jesus é revelação, convite, ordem e promessa.

O texto é revelação, pois Deus ilumina nosso caminho com uma palavra revelada e reveladora. Deus tem o poder e o direito de ordenar, de mostrar-nos o imperativo que jaz no fundo de sua amorosa preocupação. Contudo, o amor divino sempre respeita a liberdade que nos concedeu na criação como parte de nosso legado, de modo que os mandamentos divinos são escutados como um convite (cf. EE 91-98), uma vocação, um chamado de Deus (PG 2, PG 8A). Finalmente, o texto é uma promessa porque sempre é Deus quem recompensa todos os nossos esforços apostólicos com frutos que são puramente um dom.

O Texto é revelação, porque toda missão cristã foi em última instância encomendada por Deus. A palavra revelada de Deus se dirige mais além da mera sabedoria humana para chamar a atenção para o mundo tal como o vê a Santíssima Trindade, com sua “grande variedade de pessoas, lugares e situações” (PG 1, PG 8(A), EE 101-109). Não existe nenhum “plano estratégico” que sempre e em todo lugar vá administrar a justiça a uma sociedade específica ou a um indivíduo em particular.

A primeira frase do PG 8 não contém as palavras introdutórias da passagem de Isaías como as leu Jesus, “o Espírito do Senhor está sobre mim, pelo qual me ungiu”. Não obstante, a CVX é consciente de que essas palavras introdutórias que proclamam a presença do Espírito são importantes. Esta importância se reflete nas seguintes palavras do PG 8: “nossa vida é essencialmente apostólica” e então nas palavras “abrindo os corações à conversão”. Jesus não nos envia seus apóstolos sem o dom do Espírito (Jo 20, 21-23; At 1,8). É como cristãos ungidos, abertos a uma progressiva conversão, e possuidores de um carisma especial, que os membros da CVX podem experimentar o imperativo contido nas palavras de Isaías.

ORIENTAÇÃO PARA O APOSTOLADO DA CVX

É tendo em conta este cenário e à luz do princípio de discernimento inerente à espiritualidade inaciana (PG 2, PG 8c), que devemos compreender o PG 8d. Esta seção mais “programática” explica claramente algumas das áreas da experiência humana contemporânea que deveriam chamar nossa atenção. Ainda que esta seção pudesse muito facilmente constituir uma base muito frutífera para um programa eficaz produtivo destinado a promover a missão, sua finalidade é ser um “princípio” e não um programa. As comunidades individuais poderiam ter a razoável necessidade de dedicar tempo a discernir a importância relativa de qualquer ponto específico da seção.

É muito significativo que a seção [d] se inicie e conclua com o mesmo princípio: a Palavra de Deus, o Evangelho de Cristo pobre e humilde. Uma vez mais os Princípios Gerais nos recordam a diferença essencial entre um mero programa de ação social e uma participação cristã na preparação deste mundo para a chegada do Reino de Deus.

As afirmações da seção [a] a respeito do caráter indispensável do apostolado pessoal são compensadas pela seção [b]. A palavra “comunidade” no nome da CVX reflete outro elemento intrínseco do carisma deste “estilo de vida”. Portanto, para respeitar fielmente o carisma, parte da missão exercida pelos membros da comunidade deve ter uma dimensão corporativa ou grupal. Ainda que um membro da CVX deva demonstrar maior iniciativa no trabalho apostólico individual, em algum momento deve experimentar o que significa trabalhar em comunhão com outras pessoas para o Reino de Deus.

Os Princípios Gerais outorgam uma ampla liberdade: a missão da comunidade pode ser experimentada tanto fora como dentro da CVX. Não importa se a área de nossa missão, de nosso apostolado ou de nosso serviço se refere a uma participação individual ou a um esforço comunitário, cada um de nós deve permanecer atento à voz do Espírito. Isto o fazemos principalmente por meio da “revisão de vida”, como ela é denominada no PG 8c, ou o “exame de consciência diário”, como é denominado no PG 5 (cf. EE 43). Inclusive quando os membros se encontrarem comprometidos em estruturas que não pertencem à CVX, de todos os modos obterão sua fortaleza apostólica da Comunidade e de sua espiritualidade.

A seção [c] do PG 8 também nos estimula “a abrir-nos aos chamados mais urgentes e universais”. Expressão em palavras e imagens distintas, este tema é recorrente nos Exercícios Espirituais e em outros escritos de Santo Inácio. Tudo aquilo que seja restritivo e limitativo, tudo aquilo que seja

demasiado local ou de estreita visão, demasiado centrado em si mesmo, é incompatível com o mistério da Trindade contemplando o universo.

CONCLUSÃO

“Nossa vida encontra sua inspiração permanente no Evangelho de Cristo pobre e humilde”

Esta oração final do PG 8 serve como uma recordação do princípio básico de toda missão e serviço apostólicos: a pessoa de Jesus de Nazaré. Nos Princípios Gerais a palavra “humilde” aparece pela primeira vez no PG 8, e é útil combinar as duas orações em que esta aparece: a frase final da seção [c] é esta frase final de todo o PG 8. Mesmo sendo certo que a vida histórica de Jesus de Nazaré é um acontecimento do passado, devemos advertir que não se trata de um simples fato do passado: o processo em que Jesus se molda em nossas vidas continua à medida que nos comprometemos apostolicamente “ainda que nas mais humildes ocupações da vida diária” (PG 8c).

Vistos desta forma, aspectos tais como “trabalhar pela reforma das estruturas da sociedade” não são meras adições à proclamação da palavra de Deus: trata-se de algumas das formas mais poderosas nas quais que entregamos o Evangelho ao mundo de hoje.

9 – MARIA, MODELO DE NOSSA MISSÃO

Maria, para nós, é um modelo dinâmico a seguir. Todos nós, membros da CVX, estamos em Cristo com Maria. Ela é parte integrante da História de Cristo. Ela não nos leva à união com Cristo porque estamos já unidos a ele mediante o batismo. Ela nos leva, isto sim, a um aprofundamento e intensificação desta união quando, nos Exercícios Espirituais, a contemplamos na Anunciação-Encarnação. Nosso encontro com Maria torna fácil nosso encontro com Cristo e nele com Deus.

Luís Paulussen, SJ, de venerável memória, em seu prefácio ao suplemento de José Gsell, “Caminhando com Maria” diz: “Não podemos penetrar no mistério de Maria senão por Jesus, luz do mundo que ilumina todos os mistérios da fé. A devoção mariana, por exemplo, é inexplicável sem a luz de Jesus, sem a visão de nossa incorporação n’Ele”. Isto é o que o início de nosso PG 9 trata de iluminar. De novo, no mesmo preliminar, ele diz: “o famoso grupo de Leunis, (chamado a Prima Primária) escolheu o nome de Congregação da Anunciação-Encarnação é ponto de partida, fundamento e centro de todos os Princípios Gerais”.

A COOPERAÇÃO DE MARIA COM DEUS COMEÇA COM SEU “SIM”

José Gsell nos dá um magnífica meditação sobre o “sim” de Maria. **Seu Sim é uma resposta de fé.** Foi chamada. E ela deve responder. É um sim total a seu Senhor. É a entrega de si mesma nas mãos de seu Deus. É a aceitação de sua vocação cujo alcance e conseqüências serão precisados com o passar dos anos. Realiza-se a unidade entre a pessoa que é e a missão que recebe. A unidade da pessoa e a participação na missão, o “ser” e o “fazer” estão para sempre unidos.

Seu Sim é uma resposta de amor. Tocada pelo amor que se dá, ela se converte no amor que e que transmite a vida ao mundo. Nela se opera a união de Deus que salva e da humanidade que é salva. A missão que recebe a associa à história da salvação do mundo. Maria se converte no laço de união entre o céu e a terra, no lugar da terra de onde a fonte da vida brota e de onde

manará abundantemente sobre a humanidade, pois em Maria não há nenhuma resistência que estorve o jorro desta fonte. É disponibilidade total, é a Serva do Senhor. Far-se-á segundo sua palavra.

Queremos acrescentar outro ponto à meditação de José Gsell. **Seu *Sim* é uma resposta de vida.** É a expressão de seu abandono total a Deus pelo qual ela entregou seu corpo e todos os seus bens estão incluídos neste ato único de abandono. Pronunciado em um instante este se expressa através de toda a sua vida. Maria compreendeu bem o significado da vida e a viveu em plenitude. Totalmente humana e inteiramente livre, Maria chega a ser para nós uma presença viva e um guia de vida que nos anima e sustenta na busca da glória de Deus. A glória de Deus é o homem plenamente humano, plenamente vivo (Santo Irineu).

À imagem do feixe que está atado no seu centro e se solta nas extremidades, a vida de Maria, em toda a sua generosidade, está vinculada à minúscula palavra *sim*. Todos os seus anos que precederam este momento fluem até ele e todo resto de sua vida flui dele. A Graça Ihe permite pronunciar este *sim* e pronunciando-o consente à Graça de Deus operar nela. Ela orienta seu ser completamente para Deus e o afasta do egoísmo e do egocentrismo. Ele a faz plenamente transparente para que, através dela, a luz em plenitude possa vir ao mundo. Jesus é a encarnação do *sim* de Maria, o fruto de seu “*fiat*” ; é inconcebível uma maior fecundidade. Seu “*fiat*” não limita em nada sua personalidade; de fato, ele Ihe ocasiona a realização total e é o protótipo de toda fecundidade cristã.

Oh Maria, recorremos a ti,

Mãe do Senhor e Mãe de todos nós,

para agradecer teu *Sim*

que nos deu a encarnação do *Sim* de Deus

e levou a vida à plenitude.

Te pedimos,

que nos ensines a imitar-te pronunciando nosso *Sim*;

com fé e valor.

Tu conheces o que custa viver o *Sim*;

protege o nosso na integridade e na alegria.

Pede a teu Filho divino

que nos conceda a graça de repetir sempre nosso *Sim*

com um abandono cada vez maior

e experimentar neste crescimento,

o sentido profundo de nossa vida.

Sob tua inspiração,

possamos contribuir para construir o Reino de Deus,

agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

O Padre Peter-Hans Kolvenbach a propósito do sim de Maria, escreve:

“Para cumprir esta missão de mediação, o Senhor Deus pediu o *fiat* de Nossa Senhora à sua obra de salvação. Na oração do Reino, Inácio não faz senão traçar os contornos deste chamado e deste *fiat*. Ao convidar-nos a rezar os mistérios de Cristo, a buscar um conhecimento íntimo do Senhor para poder,

no seu Espírito, fazer a eleição e tomar as decisões que encarnem nosso *fiat* no cotidiano, Inácio sempre nos faz recorrer a Nossa Senhora para aprender como encontrar em colóquio com seu filho e para saber como dizer sim a Deus Pai. Como inspira esta familiaridade com Maria o caminho das Comunidades de Vida Cristã no seu modo de traduzir o reino na realidade de cada dia? Sem dúvida que não há nada nos Evangelhos que nos permita conhecer como Maria evangelizou. Ela não pertence aos doze e não fala senão através de sua simples presença no meio deles. O Senhor não nos chama a copiar a forma na qual Nossa Senhora concretizou seu *fiat*, nem tampouco a imitá-la. Não obstante, a maneira concreta à qual o Senhor chama a cada um e às Comunidades de Vida Cristã para realizar o Reino será sempre inspirada pelo dinamismo que está na base do modo de proceder de Nossa Senhora. Este dinamismo está marcado sempre e desde o princípio pelo caráter radical do sim. Esta radicalidade impulsiona às Comunidades de Vida Cristã, segundo o exemplo de Nossa Senhora, a não conhecer nada senão o Evangelho, todo o Evangelho. Nós nos ocupamos em demasia de “slogans” e de ideologias, de problemas secundários e de dúvidas, pelo gosto de duvidar. Sem dúvida, nossas vidas são complexas e nossas organizações complicadas, porém isto é uma razão a mais para voltar ao sentido radical deste *fiat* de Nossa Senhora, que Inácio coloca no meio da agitação que marca a avidez dos homens e das mulheres”.

Nossa devoção a Maria começa a tomar um novo significado na medida em que os membros CVX crescem no caminho da maturidade cristã. As atitudes de Maria que continuam tendo mais significado são: sua abertura e sua pura receptividade, sua transparência, sua aceitação incondicional da vontade de Deus que faz dela uma mulher extraordinária no ordinário, sua pobreza em espírito. Nossa Senhora, como a chama Santo Inácio, é uma mulher de fé, de confiança e de oração profunda (Lc 2, 19), interiormente livre e capaz de discernir continuamente a vontade de Deus. Por meio dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, Maria nos faz compreender o sentido real de nossa devoção a ela e as verdadeiras exigências de nosso compromisso CVX. Ela nos convida a

aprofundar o significado de seu sim ao plano de Deus e nos anima a fazer de nossas vidas um sim a nossa missão.

VISITAÇÃO E O MAGNIFICAT - O ASPECTO VISÍVEL DE SUA MISSÃO

Sua pronta visita, sua saudação, a proclamação de sua fé foram afirmadas por sua prima Isabel. Sua presença e sua ajuda eficaz durante três meses (até que João, o Batista, nasceu) foram sinais concretos e visíveis de seu serviço efetivo a Isabel. O hino de louvor a Deus nesta ocasião, o Magnificat, nos permite compreender Maria como modelo para nossa missão hoje. A primeira parte (Lc 1, 46-50) trata do que Deus fez a Maria, uma mulher de condição humilde. A segunda parte (Lc 1, 51-55) deriva desta simples experiência e a universaliza. O modo pelo qual Deus atuou em Maria é típico de sua maneira de trabalhar para o gênero humano e a criação. É Deus fiel a suas promessas, que exalta o humilde, sacia o faminto de coisas boas, dispersa os orgulhosos, derruba os poderosos de seus tronos e despede os ricos com as mãos vazias. Poderíamos ver ali um chamado à justiça - ser como o Pai e seu Filho que tem uma preferência pelos pobres. Esta segunda parte do Magnificat, Maria a canta baseando-se em um Deus que castiga as injustiças e corrige a situação dos oprimidos. Este Deus modifica a situação na qual o poder e a riqueza do mundo, qualquer que seja o modo pelo qual hajam sido obtidas e conservadas, são as únicas determinantes da atitude de cada um para Deus e o próximo.

O que fazia Maria capaz da oferenda total dela mesma em sua pobreza de simples criatura era sua fé profunda no inquebrantável amor de Deus. Ela aprendeu da Escritura que é Deus quem é o Senhor da história, que seus caminhos não são os caminhos dos homens e que para ele nada é impossível. Nominando-se como a humilde escrava do Senhor, Maria participou realmente da aflição da gente de seu tempo. Nós também somos chamados a participar na aflição dos oprimidos, dos marginalizados e dos desamparados. Devemos lutar

com eles para promover os valores proclamados por Jesus e para estabelecer o Reino de Deus. Maria encarna assim nossa esperança e nossa espera gozosa ajudando-nos a compreender as dificuldades dos pobres, posto que ela mesma se colocou entre os pobres.

Ela se identificava com a missão de seu filho para libertar o povo de toda trava e o conseguiu não pela agressão e a violência senão por seu total compromisso com Jesus e sua missão, utilizando unicamente o dom de sim mesma, o amor, o serviço e a compaixão pelos pobres. Maria encarna a atitude da qual nossa sociedade de hoje tem tanta necessidade: de estar à escuta do que a realidade ao redor de nós nos diz já, seja em nossa vida familiar ou em nossa vida social e, de uma maneira particular e preferencial, estar atentos às necessidades dos mais fracos de nós, os marginalizados, os desprezados e desdenhados, daqueles que não tem direito à palavra e dos pequenos. Maria nos desafia, aos membros da CVX que desejam um mundo novo e justo, a concentrar nossa atenção em Jesus, para levar a cabo uma modificação radical no mundo. Em nosso enfoque evangélico, a ênfase se põe na urgência da assimilação pessoal a Cristo. Compartilhando a vida de Cristo como o fez Maria, nos despojamos de nossas falsas identidades e conseguimos ser livres para discernir e crescer na verdade, pelo poder do espírito que mora em nós e que constrói nossas comunidades de amor e de serviço.

O Padre Kolvenbach em seu tema “Maria nos Exercícios Espirituais” diz: “a resposta que Nossa Senhora deu gratuitamente ao convite daquele cujo nome é santo foi, de um outro modo, uma fonte inesgotável de inspiração para inumeráveis iniciativas pessoais e comunitárias na construção do Reino”.

A MISSÃO DE MARIA E A ESPIRITUALIDADE CVX

Neste sentido, a dimensão mariana da espiritualidade das Comunidades de Vida Cristã foi formada mediante as características particulares da missão de Nossa Senhora que tocou a Inácio de Loyola de um modo profundamente

pessoal. Inácio respeita sempre o “gosto” espiritual de cada pessoa em seu encontro com o Senhor e não impõe uma devoção particular. Nos Exercícios Espirituais, Inácio se contenta de exortar-nos a rezar a Ave Maria com a Igreja e nos convida a descobrir até onde sua missão na obra de salvação de seu filho continua hoje graças ao nosso trabalho e compromisso - porque é assim que Deus o quer.

As Comunidades de Vida Cristã tiram sua inspiração do espírito de Inácio, porém o critério de autenticidade de sua espiritualidade é o compromisso concreto com o serviço dos demais que ele encarna. Inácio não nos convida a sondar a profundidade do mistério de Maria nem os sentimentos de seu coração, mas a receber de Deus, como ela, nossa missão de hoje como Comunidades de Vida Cristã. Quem percorre com Inácio os mistérios de Cristo, descobre sem cessar Nossa Senhora em sua missão de mediadora de vida. Esta missão de Nossa Senhora surge de uma vida obscura e escondida, da existência banal e desprezível de uma mulher pobre de um rincão qualquer pobre da Palestina, à margem da grande história, da alta política e da cultura refinada. E, entretanto, muito significativo para nossa missão, Nossa Senhora sabe que ela é mediadora de salvação, de vida para os demais. Cada um de nós é bem consciente que tudo o que é o recebeu por intermédio de outros. Em nossa sociedade moderna muitos incidentes e acidentes nos confrontam com o fato de nossa mútua dependência e nos mostram como somos solidários em nossa vida, o mesmo que em nossa salvação. Esta “solidariedade” está inscrita em nossa natureza humana porque é um reflexo em todo homem da comunhão trinitária. Todavia em nossos dias, em casos de desastres, assistimos e participamos de reações de solidariedade generosa e espontânea. Não obstante, em geral, continua sendo para nós extremamente difícil o colocar em comum, o comunicar aos demais o que devemos a outras pessoas, o que recebemos graças a outros.

Iluminados pelo exemplo de Maria, os membros CVX sentiram um maior desejo de viver a espiritualidade de Maria, pertencer aos pobres de lahweh,

confiar em Deus, estar abertos ao plano de Deus e estar à sua disposição. Maria, como nós a consideramos na paixão, acompanhando-o em seu caminho ao Calvário, compartilhando seu sofrimento, com suas lágrimas, sua dor e sua solidariedade, suporta tudo com Jesus para oferecer redenção, expiação e libertação.

Depois de Jesus, ninguém está tão estreitamente unido a todos os seres humanos como Maria. Vivendo na glória como agora, ela não é indiferente ao drama humano. Como no Magnificat, ela tomou o partido dos humildes contra os orgulhosos, dos pobres contra os poderosos. Assim mesmo hoje ela continua a oferecer-nos, especialmente a nós como membros CVX, força e valor, com seu olhar que nos compreende, nos sustenta e nos aprova, para estar mais empenhados em alcançar liberdade e justiça para todos.

Acompanhados por uma mãe tão terna, encontramos a força e a inspiração para expressar a mesma compaixão a todos àqueles que estão sobrecarregados pelo peso da vida, a dor, os sofrimentos morais, a enfermidade e as cruzes, até que alcancemos o momento em que se porá fim ao sofrimento e se alcançará a libertação.

Nossas experiências de fé, a CVX e os Exercícios Espirituais, especialmente na anotação 19, levaram muitos de nossos membros CVX a considera mais e mais Maria como um dom precioso para nós.

Referências Gerais

RAHNER, Hugo, *True Source of the Sodality Spirit* Ed. Queen's Work, St. Louis, Eua, 1956

GSELL, José, Caminando con María in *Progressio*, Suplemento 11, abril 1978.

VAN BREEMAN sj, Peter G., *Certain as the Dawn*

KOLVENBACH sj, P. Peter-Hans, María en los Ejercicios Espirituales in *Progressio*, Set-Out 1986

HARRIS ofm, Robert J, Mary's Magnificat and Recent Gospel Study in *Review for Religious*, Vol. 42, n. 6, Nov-Dez'83, p. 904 Vaticano II L.G. 8

ERRÁZURIZ, Josefina, María: Su vocación y misión in *Progressio*

Mary and Ecumenism in *The Way Supplement* n. 45, Junho 1982

RAHNER, Karl, *Mary, the Mother of Our Lord*, Herder, Friburg; Nelson, Edinburgh & London